



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

INGRID CRUZ DO NASCIMENTO

**A PERCEPÇÃO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS POR ESTUDANTES
DO ENSINO FUNDAMENTAL II E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

JOÃO PESSOA – PB

2017

INGRID CRUZ DO NASCIMENTO

**A PERCEPÇÃO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS POR ESTUDANTES
DO ENSINO FUNDAMENTAL II E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Monografia apresentada à Coordenação do
Curso de Letras da Universidade Federal da
Paraíba como requisito para obtenção de grau
de Licenciada em Letras, habilitação em
Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Dermeval da Hora
Oliveira

Coorientador: Prof. Me. Pedro Felipe de
Lima Henrique

JOÃO PESSOA – PB

2017

Catálogo da Publicação na Fonte.

Universidade Federal da Paraíba.

Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Nascimento, Ingrid Cruz do.

A percepção das vogais médias pretônicas por estudantes do ensino fundamental II e o ensino de língua portuguesa / Ingrid Cruz do Nascimento.-João Pessoa, 2017.

66f.

Monografia (Graduação em Letras / Língua portuguesa) – Universidade Federal da Paraíba - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.

Orientador: Prof. Dr. Dermeval da Hora Oliveira.

1. Sociolinguística variacionista. 2. Percepção das vogais médias pretônicas. 3. Ensino da língua portuguesa. 4. Oralidade e escrita
- I. Título

INGRID CRUZ DO NASCIMENTO

**A PERCEPÇÃO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS POR ESTUDANTES
DO ENSINO FUNDAMENTAL E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) como requisito para obtenção de grau de Licenciada em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Data da aprovação: 18/11/2017

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Dermeval da Hora Oliveira
(Orientador)

Prof. Me. Pedro Felipe de Lima Henrique
(Coorientador)

Prof^a. Dr^a. Juliene Pedrosa
(Examinadora)

Prof^a. Dr^a. Elisa Battisti
(Examinadora)

Àqueles que continuam soprando o fôlego da
vida: **mainha** e **painho**.

AGRADECIMENTOS

Ao Universo, por tanto conspirar positivamente para a realização deste trabalho, mesmo quando minha mente de humana fraquejava e pensava o contrário.

Aos meus pais, por tanto doarem o sangue e o suor, por abdicarem do melhor para eles pensando em meus estudos, em meu conforto e em meu crescimento pessoal. Sem vocês, indubitavelmente, eu não seria nada do pouco que ainda sou hoje. Agradeço especialmente à mainha, por ser o melhor e maior exemplo de mulher forte e batalhadora que eu poderia ter em toda a minha existência. Mesmo que, inconscientemente, ela foi o meu primeiro referencial de luta e de asas, me mostrando que os caminhos da minha vida devem ser trilhados e guiados somente por mim, que eu sou “dona do meu próprio nariz” e que o sucesso (ou a falta dele) nada mais é do que consequência das escolhas que fazemos hoje. Meus melhores frutos, mainha, serão sempre para você.

À minha avó materna, vó Lourdes, que mesmo sendo analfabeta mostrou à minha mãe o valor precioso da educação. A ela agradeço também por me ensinar muito mais do que as linhas de qualquer livro: ela me ensinou a ler as (entre)linhas da vida.

À minha irmã, Islânia, por ser minha companheira mais fiel e colorida. A alegria com que ela encara os dias, mesmo nos momentos mais dolorosos, e a desimportância que ela dá aos julgamentos alheios me fazem crescer diariamente.

Aos companheiros do VALPB, professor Dermeval da Hora, professor Rubens Lucena, professora Juliene Pedrosa, professor Pedro Felipe e André Wesley, pelas discussões e motivação para permanecer no caminho da fonologia.

Ao professor Dermeval da Hora, pela oportunidade concedida no VALPB, por confiar no meu trabalho e ser um exemplo de profissional inquieto e disposto a contribuir positivamente com a educação deste país.

À professora Juliene Pedrosa, pelo carinho com que sempre me acolheu e por aceitar avaliar este trabalho.

À professora Elisa Battisti, pela disponibilidade e aceitação em ler a minha pesquisa, com tanta doçura, mesmo sem conhecer previamente o meu trabalho.

À professora Livia Oushiro, pelo minicurso ofertado na UFPB e por prontamente se disponibilizar a me auxiliar com o desenvolvimento desta pesquisa. Seu amor e dedicação pela Sociolinguística e sua humildade são traços admiráveis.

Ao professor José Sueli Magalhães, pelas discussões frutíferas sobre Fonologia e, mais especificamente, sobre o comportamento das vogais. Sua crença no meu potencial foi de extrema importância para mim.

Aos queridos Bianca, Delosmar e Yasmin, que prontamente se disponibilizaram a gravar os estímulos para o desenvolvimento desta pesquisa. Sem vocês ela não teria sido possível.

Ao centro onde estudei, trabalhei e pude aplicar os testes, o Sesquicentenário, serei eternamente grata. Tentar contribuir com aquele espaço, mesmo que minimamente, é uma honra.

À Albanízia Diniz, Bernadete Palhano, Denise Pontes, Evânia Paiva, Graça Brasileiro, Mary Gláucia, Rodrigo Malheiros, Joazadaque, Wilson Lima e tantos outros professores que, no Sesqui, cuidaram de mim (como aluna e como professora iniciante) e me alinharam na vida, mostrando a importância do companheirismo e do ombro amigo no contexto escolar.

À minha querida turma de Letras Português 2013.1, com quem dividi momentos maravilhosos e frutíferos ao longo dessa jornada que apenas se inicia, especialmente: Amanda (por me impulsionar a viajar e a descobrir o meu mundo), Ana Gabriella (por ser a prova viva de que existe gente com vocação para ser professor), Claudinha (pela sensibilidade e dedicação com o ensino de LIBRAS), Elania (pela tranquilidade com que leva os momentos), Laís (pelas caronas e trocas literárias), Larissa (por sempre ter me abraçado na vida), Lidianie (por ser uma professora dedicada, que busca o melhor para oferecer aos seus alunos), Paula Rachel (por se responsabilizar pelos aspectos burocráticos relacionados às festas da turma, afinal, nem só de estudos vive o ser humano), Raquel (pela partilha de todos os momentos), Seu França (por ser o maior e melhor incentivo do nosso curso), Thiago (que preferiu continuar vivendo as letras em outro mundo) e Valter (Tinho, o amigo que sempre me escutou).

Aos professores que contribuíram com a minha formação no ensino superior, especialmente Ana Cláudia Gualberto, Amador Ribeiro Neto, Beliza Áurea, Cristiane Marinho, Daniela Segabinazi, Luciana Calado, Marco Valério Classe Colonnelli, Margarete Von Muhlen Poll, Marie Gorett, Poliana Dayse Vasconcelos, Raquel Basílio, Regina Celi e Roberto Rondon.

À Letícia, que abriu os meus olhos para o meu momento de escrita e nunca se recusou a me ajudar, independentemente da situação. Um encontro feliz que tive nesse meu novo ciclo e que quero preservar.

À Malu, que me ajudou na coleta do *corpus* e na codificação dos dados, além de me acompanhar em diversas noites (de escrita e de vida), nessa fase tão intensa, aliviando muito do meu fardo com conversas, risadas, carinho e cuidado.

A Tinho, o menino da turma que tem o olhar mais sensível. Sua inteligência e os seus auxílios, sem titubear, foram motivações neste meu trilhar acadêmico. Obrigada, também, por sempre me respeitar enquanto mulher e profissional. Você é um dos poucos homens bons que esse mundo tem.

A Thiago, com quem pude aprender sobre livros, filmes, músicas e escolhas. Com quem pude sorrir, desabafar, ser eu mesma a todo instante e mostrar a minha verdade sem medo.

A Cris, que sempre esteve me motivando a dar o meu melhor e a nunca, sob hipótese alguma, desistir dos meus sonhos. Você, Cristiano, é forte, exemplo de garra e coragem que carrego dentro do peito.

A André, que é mais que um companheiro de laboratório. É um amigo de quem muito me orgulho por saber que ele é, desde que o conheci, um exímio pesquisador. Nossas discussões sobre Sociolinguística e o suporte que ele me ofereceu no desenvolvimento desta pesquisa foram, sem sombra de dúvidas, de grande valia para o meu crescimento humano e profissional. Queria ver, por um momento, o mundo com os olhos inquietos que André tem.

Ao “menino que carrega água na peneira”, Pedro, o melhor amigo-irmão e coorientador que alguém poderia ter. A pureza e a simplicidade que emanam dele me fazem acreditar em um mundo melhor. Finalizar essa etapa de estudos tão importante ao lado dele como mestre acadêmico e de vida é motivo de lisonja. Topar com ele na esquina da vida foi o acaso mais bonito que me aconteceu.

À Laís, a amiga que muito me ajudou e que mais se permitiu crescer comigo e enxergar a realidade com o coração, para muito além do que os olhos viam. Quem me dera ser, um dia, um pouco como você, extremamente adaptável às diversas situações. Conquistar a sua amizade foi a tarefa árdua mais doce e gratificante que tive até hoje.

À Raquel, amiga e companheira desde os momentos iniciais do curso. Foi ela quem me deu a mão e caminhou comigo nas mais diversas situações: da pesquisa de textos para fundamentar os nossos trabalhos à busca por escolas para estágio em situações perigosas; dos dias de diversão às noites sem dormir; da coleta de dados à revisão desta pesquisa; da comida, da casa, da mãe e dos irmãos aos eventos; dos problemas e dias

cinzentos compartilhados à luz a que sempre me impulsionou. Este trabalho, Raquel, é tão meu quanto seu.

Por fim, à mola propulsora da decisão que tomei há quatro anos: os alunos que já passaram pelas minhas veredas e aqueles que ainda vão passar.

– *Não vês os rios que nunca enchem o mar?*

*A vida de cada um também é assim: está
sempre toda por viver.*

(O último voo do flamingo, Mia Couto)

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo verificar a influência da percepção das vogais médias /e, o/, em posição pretônica e em contextos de harmonia vocálica (HV) ou alçamento vocálico (AV) na escrita de estudantes do Ensino Fundamental II além de averiguar a consciência dialetal destes. Para isso, realizamos quatro testes de identificação com 40 estudantes de uma escola de rede pública de João Pessoa – PB e, ao fim dessa realização, um questionário socioeconômico, com o intuito de embasar, respectivamente, a análise quantitativa e qualitativa disposta nesta pesquisa. Em relação aos autores que fundamentaram as discussões teóricas acerca da Sociolinguística Variacionista, mencionamos Labov ([1966; 1972] 2008) e Eckert (2012); sobre os estudos entre oralidade e escrita, destacamos Bortoni-Ricardo (2004), Faraco (2012) e Roberto (2016); por fim, a respeito das vogais médias pretônicas, selecionamos os estudos de Câmara Jr (1970), Bisol (1981), Silva (1997), Lee e Oliveira (2006) e Schüller (2013). Para a formulação dos testes foram controladas variáveis como contexto precedente e seguinte, quantidade de sílabas, distância da sílaba tônica. Como resultados obtidos, constatamos que o grau atribuído aos pares com as variantes “aberta.fechada” (p[ɛ]pino.p[e]pino), “aberta.alta” (p[ɛ]pino.p[i]pino) e “fechada.alta” (p[e]pino.p[i]pino) foi maior para /e/ do que para /o/. Além disso, constatamos que o ano de escolaridade não influencia os ouvintes nativos a escolherem, majoritariamente, a variável fechada. Já para o cruzamento da variável “grau atribuído” com a variável “sexo” não houve resultado significativo. Tais informações podem ajudar a compreender não apenas a mudança linguística na comunidade de fala pessoense, mas também questões relacionadas a estereótipos e preconceito linguístico. Acerca da relação entre oralidade e escrita, identificamos que os discentes, mesmo estando no 8º ou 9º anos do Ensino Fundamental, obtiveram grande nível de erro em relação à escrita dos estímulos aos quais foram expostos.

Palavras-chave: Sociolinguística Variacionista; Percepção das vogais médias pretônicas; Ensino de língua portuguesa; Oralidade e escrita.

ABSTRACT

This research aims to verify the influence of the perception of medium vowels /e, o/, in pretonic position and in contexts of vowel harmony (VH) or vowel raising (VR) in the writing of middle school students, as well as to ascertain their dialectal consciousness. In order to do that, we have applied four identification tests with 40 students of a public school of João Pessoa, Paraíba, and, at the end of that application, a socioeconomic questionnaire, with the intention of providing base for, respectively, the quantitative analysis and qualitative present of this research. Regarding the authors that have substantiated the theoretical discussions on Variationist Sociolinguistics, we mention Labov ([1966; 1972] 2008) and Eckert (2012); as for the studies on orality and writing, we emphasize Bortoni-Ricardo (2004), Faraco (2012) and Roberto (2016); finally, on the topic of pretonic medium vowels, we have selected the studies of Câmara Jr (1970), Bisol (1981), Silva (1997), Lee and Oliveira (2006) and Schüller (2013). For the elaboration of the tests, variants were controlled as preceding and following context, number of syllables, distance of the tonic syllable. The results point out that the degree attributed to the pairs with the variants “open.closed” (p[ɛ]pino.p[e]pino), “open.high” (p[ɛ]pino.p[i]pino) and “closed.high” (p[e]pino.p[i]pino) was higher for /e/ than it was for /o/. Besides that, we have found that the level of schooling does not influence the native listeners to choose, mostly, the closed variant. As for the crossing of the variant “attributed degree” with the variant “sex”, there were no significant results. Such information can help us understand not only the linguistic changes in the pessoense community, but also issues related to stereotypes and linguistic prejudice. Regarding the relation between orality and writing, we have identified that the students, even on grade 8 and 9 of Brazilian middle school, have obtained a large level of errors related to the writing form of the stimuli they had been exposed to.

Keywords: Variationist Sociolinguistics; Perception of pretonic medium vowels; Portuguese language teaching; Orality and writing.

LSTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AV – Alçamento Vocálico

GN – Gramática Normativa

HV – Harmonia Vocálica

JP – João Pessoa

LD – Livro Didático

LP – Língua Portuguesa

PB – Português Brasileiro

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PE – Português Europeu

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Espectrograma da palavra “oposto”, sem edição, produzida pela informante, com abaixamento do /o/ em posição pretônica	41
Figura 2 – Espectrograma da palavra “oposto”, sem edição, produzida pela informante, com manutenção do /o/ em posição pretônica	41
Figura 3 – Espectrograma da palavra “oposto”, sem edição, produzida pela informante, com alteamento do /o/ em posição pretônica	42
Figura 4 – Espectrograma de um par de palavras-estímulo totalmente igual, com edição, sendo [e]sporte a palavra-base	44
Figura 5 – Espectrograma de um par de palavras-estímulo totalmente diferentes, com edição, sendo a primeira a palavra-base	44

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Grau de diferença atribuído x Par escutado	47
Gráfico 2 – Gráfico de efeitos de médias previstas para o “Grau de diferença atribuído” em relação aos níveis da variável “Par escutado”	49
Gráfico 3 – Grau de diferença atribuído x Vogal	49
Gráfico 4 – Gráfico de efeitos de médias previstas para o “Grau de diferença atribuído” em relação aos níveis da variável “Vogal”	50
Gráfico 5 – Ano de escolaridade x Pronúncia JP	51
Gráfico 6 – Ano de escolaridade x Pronúncia do falante	52
Gráfico 7 – Pronúncia de JP x Vogal	52
Gráfico 8 – Pronúncia falante x Vogal	53
Gráfico 9 – Nível de acerto x Ano de escolaridade	55

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Vogais pretônicas	32
Quadro 2 – Possibilidades de produção das vogais médias em posição pretônica	33
Quadro 3 – Médias geométricas de frequência dos dois primeiros formantes das vogais em Hertz para quatro falantes brasileiras	34
Quadro 4 – Lista de palavras propensas a sofrer o processo de harmonia vocálica	42

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Modelo de regressão linear: (GRAU DE DIFERENÇA ATRIBUÍDO ~ PAR ESCUTADO) / Valor de referência (<i>Intercept</i>): “aberta.alta”	48
Tabela 2 – Modelo de regressão linear: (GRAU DE DIFERENÇA ATRIBUÍDO ~ VOGAL) / Valor de referência (<i>Intercept</i>): “[e]”	50
Tabela 3 – Estratificação de informantes de acordo com acerto ou erro em relação à palavra escrita	54

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	19
1. A TEORIA DA VARIAÇÃO: AS TRÊS ONDAS	22
1.1. Os pressupostos teórico-metodológicos desenvolvidos por Labov	22
1.2. Os pressupostos teórico-metodológicos desenvolvidos por Eckert: as três ondas da Sociolinguística	24
1.3. Os trabalhos sobre percepção de fala	26
2. ESTUDOS SOBRE A INTERFERÊNCIA DA ORALIDADE NA ESCRITA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO (PB)	28
2.1. A Sociolinguística e o contexto escolar: teorias	28
2.2. A Sociolinguística e o contexto escolar: a percepção e a escrita	31
3. ESTUDOS SOBRE AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO (PB): PRODUÇÃO E PERCEPÇÃO	32
3.1. O sistema vocálico do português brasileiro.....	32
3.2. Caracterização acústica das vogais médias pretônicas	33
3.3. Estudos sobre a produção das vogais médias pretônicas	34
3.4. Estudo sobre a percepção das vogais médias pretônicas	37
4. METODOLOGIA	39
4.1. A confecção dos testes de percepção.....	39
4.1.1 A gravação dos estímulos	40
4.1.2 A edição dos estímulos	43
4.2. Definição das variáveis	44
4.3. O <i>corpus</i> linguístico	45
4.4. Método de análise	45
5. A PERCEPÇÃO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS E A ESCRITA: RELAÇÕES INTRÍNSECAS	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	59
APÊNDICES	61
APÊNDICE A –Médias de F1, F2 e F3 dos três estímulos pronunciados sem edição pela informante	62
APÊNDICE B – Médias de F1, F2 e F3 das palavras-estímulo com edição	63
APÊNDICE C – Questionário social respondidos pelos participantes do teste	64
APÊNDICE D – Quadro com estratificação dos informantes com acerto e erro das palavras escritas	65
APÊNDICE E – Rodadas dos testes no R	66

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Vertente da Linguística contemporânea e desenvolvida nos Estados Unidos, na década de 60, por William Labov, a Sociolinguística Variacionista (ou Teoria da Variação) se ocupa em descrever, por meio de pesquisas que, atualmente, envolvem a produção, a percepção, o estilo e a atitude linguísticos, os usos espontâneos de fala e, como o próprio nome incita, suas variações nos mais diversos contextos.

Pensando nisso, a variação da produção das vogais médias /e/ e /o/ em posição pretônica, no Português do Brasil (PB), estudada pioneiramente por Leda Bisol (1981), tem sido um alvo recorrente de pesquisadores dessa área, principalmente por ser uma das variantes que marcam a identidade dos falantes do eixo Sul-Sudeste do país. Segundo Câmara Jr. (1970), Bisol (1981), Silva (1997) e Oliveira e Lee (2006), as vogais médias /e/ e /o/ podem ser produzidas, respectivamente, como [ɛ, e, i] e [ɔ, o, u]. Quando há um gatilho para o alçamento na sílaba posterior, os fonólogos caracterizam esse processo como harmonia vocálica. Em outras palavras, tal processo ocorre quando a altura das vogais é a mesma, como em b[e]l[e]za e c[e]rt[e]za, por exemplo.

Na cidade de João Pessoa – PB, comunidade de fala da nossa pesquisa, Silva (1997) verificou o mesmo fenômeno linguístico, analisado inicialmente por Bisol (1981). Conforme exposto anteriormente, existem três produções das vogais médias /e/ e /o/, respectivamente, como [ɛ, e, i] e [ɔ, o, u]¹, sendo as vogais médias abertas [ɛ] e [ɔ] as mais recorrentes na comunidade de fala mencionada.

Entretanto, poucos são os estudos desenvolvidos no Brasil que direcionam o seu foco à percepção dos ouvintes acerca da variação da fala. Entre eles, podemos mencionar os trabalhos de Lopes (2012), Oushiro (2015) e Henrique (2016)². Ao restringirmos os estudos de percepção acerca da variação das vogais médias /e/ e /o/ em posição pretônica no português brasileiro, destacamos o estudo desenvolvido por Schüller (2013), que será de extrema importância para as discussões aqui expostas. O propósito do trabalho deste autor é investigar a percepção que os falantes nativos do Rio Grande do Sul – RS têm do fenômeno mencionado em palavras com o contexto para os processos de harmonia (HV) e de alçamento vocálico (AV).

¹ Podemos mencionar, dentre outros, os seguintes exemplos: b[ɛ]bida, b[e]bida e b[i]bida; b[ɔ]neca, b[o]neca e b[u]neca.

² Este trabalho avaliou a percepção do /S/ na cidade de João Pessoa – PB.

Em relação às contribuições da Sociolinguística Variacionista para o ensino de Língua Portuguesa (LP), os trabalhos empíricos, com foco na produção, têm auxiliado no entendimento de alguns processos de transferência da fala para escrita, como o de Vieira (2005), o de Henrique (2014) e o de Aquino (2014), por exemplo. O primeiro tem como foco verificar a influência de pistas acústico-articulatórias nas produções textuais de alunos de 3º a 5º anos do Ensino Fundamental de uma escola pública do Rio de Janeiro – RJ. O segundo se ocupa em investigar o processo de monotongação dos ditongos [ej] ~ [e] e [ow] ~ [o], em textos escritos de alunos do 3º ao 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de João Pessoa – PB. Já o terceiro tem como objetivo analisar a influência da fala de alunos do 7º ano, de uma escola pública de Guarabira – PB, no processo de escrita de textos.

Entretanto, nenhum estudo de percepção da fala foi usado para tentar compreender os processos de substituição que ocorrem na escrita de alunos do Ensino Fundamental I e II³. Desse modo, pesquisas que relacionam a percepção do ouvinte e o ensino de LP, explicando a interferência da oralidade na escrita são escassos e este estudo justifica-se na medida em que pretende ajudar a levantar questões dentro desse escopo.

Com base nisso, o objetivo deste trabalho é verificar a influência da percepção das vogais médias /e/ e /o/, em posição pretônica, na escrita de estudantes do Ensino Fundamental II, na comunidade de fala pessoense. Para isso, realizamos quatro testes, sendo eles: 1) é solicitado que o estudante escreva a palavra, após escutá-la, com pronúncia da vogal pretônica como alta; 2) o estudante, após escutar três pares de estímulos distintos, em que haja a produção das vogais médias pretônicas, avalia se os estímulos de cada par são iguais ou diferentes; 3) caso afirme que as palavras de um mesmo par são diferentes, é solicitado que o discente atribua um grau a essa diferença; e 4) o estudante seleciona qual dos dois estímulos representa a sua fala. Por fim, cada participante do teste responderá um questionário socioeconômico, a fim de embasar a análise qualitativa deste trabalho.

Desse modo, nossas hipóteses são: 1) os alunos dos anos finais do Ensino Fundamental (8º e 9º anos) obterão um nível maior de adequação ortográfica em relação ao estímulo escutado; 2) os alunos que tiverem mais acesso a bens culturais

³ Conforme mencionado anteriormente, os trabalhos que analisam a interferência da fala na escrita geralmente destinam-se ao Ensino Infantil e aos anos iniciais do Ensino Fundamental. A partir disso, selecionamos apenas o Ensino Fundamental II, a fim de verificar se os problemas relacionados à ortografia, geralmente encontrados nas séries iniciais, persistem ou não.

(como cinema, teatro, viagens etc.) conseguirão perceber, com grande nível de acerto, a diferença entre as diferentes realizações das vogais médias pretônicas por serem mais expostos à variação linguística; e 3) todos os alunos apontarão, com grande nível de acerto, qual dos estímulos escutados representa a sua identidade de fala.

Subdividimos, portanto, a pesquisa aqui apresentada em cinco seções. No primeiro capítulo, discorremos sobre algumas questões pertinentes à Sociolinguística Variacionista e aos estudos que envolvem percepção. No segundo capítulo, discutimos sobre estudos que analisam a influência da oralidade na escrita. No terceiro capítulo, apresentamos um resumo de alguns estudos desenvolvidos no Brasil, mais detidamente, na cidade de João Pessoa – PB, acerca das vogais médias pretônicas. No quarto capítulo, elucidamos a metodologia utilizada para o delineamento desta pesquisa e, por fim, no último capítulo, encontram-se os resultados dos três testes de percepção respondidos por estudantes do ensino fundamental II de rede pública, na comunidade de fala pessoense.

Desse modo, nosso propósito é apresentar aqui não apenas uma relação entre Sociolinguística Variacionista e ensino de LP, mas uma aplicabilidade prática, visando contribuir com tal ensino e tentando fugir das discussões, por vezes superficiais e rechaçadas, que ainda encontramos na academia e na escola. A partir disso, explicaremos por que tal área é imprescindível para o aprimoramento do trabalho do professor e, conseqüentemente, para a aprendizagem do discente.

1. A TEORIA DA VARIAÇÃO: AS TRÊS ONDAS

Neste capítulo, fundamentado em Labov ([1972] 2008), situamos, primeiramente, o lugar da Sociolinguística Quantitativa dentro dos trabalhos linguísticos do final do século XX, assim como os pressupostos teórico-metodológicos concernentes à tal linha de pesquisa. Em seguida, discutiremos brevemente os pressupostos das três ondas da Teoria da Variação a partir das considerações desenvolvidas por Penelope Eckert (2012).

1.1 Os pressupostos teórico-metodológicos desenvolvidos por Labov

Ao perceber que a fala era suscetível à variação e que tinha regras específicas de mudança, contrapondo à visão bloomfieldiana de “variação livre”, Labov ([1972] 2008) desenvolveu seu primeiro estudo sobre o uso do ditongo (ay) e (aw) na ilha de Martha’s Vineyard⁴, na década de 70. A partir disso, o linguista acabou refutando a ideia de que a fala, algo tão instável e problemático de ser analisado por sofrer influência estrutural e social, não podia ser descrita por meio de uma ordem lógica. Ele afirma que

Uma abordagem que considera apenas as pressões estruturais dificilmente pode contar a história toda. Nem todas as mudanças são altamente estruturadas, e **nenhuma mudança acontece num vácuo social**. Até mesmo a mudança em cadeia mais sistemática ocorre num tempo e num lugar específicos, o que exige uma explicação ([1972] 2008, p. 20, **grifo nosso**).

O linguista mencionado critica o método utilizado pelos estudiosos até então, que considerava apenas as interferências microestruturais na variação e mudança linguísticas. Diante disso, ele acredita que é possível ordenar o “caos linguístico” em diversos níveis, considerando as características sociais como fatores que influenciam diretamente o comportamento heterogêneo de toda e qualquer língua. Sobre o comportamento da mudança linguística, Labov explica que

[...] não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando

⁴ Eckert (2012) classificou, posteriormente, tal trabalho como pertencente à segunda onda da Sociolinguística Variacionista.

continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto do passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo ([1972] 2008, p. 21).

A partir disso, Labov propõe uma metodologia para trabalhar com dados de fala. A proposta do pesquisador surge como forma de suprir uma lacuna existente desde os estudos saussurianos, que entendiam a fala como algo homogêneo, o meio pelo qual a língua, o sistema de regras, se materializa. O olhar apresentado pelo linguista para lidar com a variação e a mudança da fala possui uma metodologia rigorosa, como a definição de variáveis (são os itens alvos de mudança, como o /t/ e /d/, por exemplo) e variantes (são as formas de realização da variável, a exemplo da palatalização, /tʃ/ e /dʒ/) e abre uma nova perspectiva dentro dos estudos linguísticos, pois propõe a análise estatística de dados obtidos através de entrevistas.

O primeiro trabalho desenvolvido por este estudioso, a partir dessa perspectiva metodológica, foi sobre a estratificação do /r/ em lojas de departamento de Nova York. Após algum tempo de observação e a fim de captar a fala em seu contexto mais informal, Labov ([1966] 2008) se direcionou a três grandes lojas que, de acordo com os preços, “selecionavam” compradores de condições sociais diferentes. A caráter de exemplificação, foi selecionado como variável dependente o uso do /r/ em quatro ocorrências: *fourth floor*, falado de forma casual e enfática. Como variáveis independentes, foram selecionadas a loja, o andar da loja, sexo, idade, cargo ocupado, raça e sotaque. O uso do /r/ pelos vendedores, portanto, se deu de acordo com as condições dos clientes, visto que estes tiveram uma impressão social daqueles em detrimento da fala.

De acordo com o exposto, fica claro que os aspectos macroestruturais (regional, econômico, político etc.) que envolvem toda e qualquer organização social interferem diretamente na variação das línguas e, conseqüentemente, no uso destas. Cada variante, portanto, é carregada de significado social, ou seja, os falantes são julgados a partir de um estereótipo inerente à variante utilizada por eles. É importante observar também que a variação linguística ocorre no nível intrafalante (ou de uma comunidade de prática), isto é, cada falante também tem um modo próprio de fala (que chamamos de características idiossincráticas), assim como cada ouvinte tem um modo próprio de perceber a fala em questão. Foi exatamente sobre isso que Eckert (2012) se debruçou para postular os princípios da terceira onda da Sociolinguística.

1.2 Os pressupostos teórico-metodológicos desenvolvidos por Eckert: as três ondas da Sociolinguística

Com base em uma análise de pesquisas sociolinguísticas desenvolvidas no século XX, Eckert (2012) propõe uma (re)definição dos campos dessa área em três “ondas”, cujas formas de lidar com o vernáculo⁵, embora difiram entre si, não se excluem ou se substituem. Vale salientar que as três ondas não se enquadram categoricamente em um espaço-temporal, ou seja, trabalhos da primeira onda, que possuem a estratificação clássica proposta por Labov ([1972] 2008), por exemplo, podem ser (e são) feitos até os dias atuais.

A primeira onda da Sociolinguística, na qual se enquadram as pesquisas mais tradicionais dessa área, tem seu início com o trabalho sobre a estratificação social do inglês de Nova York, desenvolvido por Labov (1966, apud Eckert, 2012) e apresenta uma metodologia acerca da descrição de padrões de variação e de mudança linguística. De acordo com a autora, os trabalhos realizados dentro dessa perspectiva têm como objetivo apresentar e explicar o uso de variáveis linguísticas em comunidades de fala por meio da correlação entre o uso destas e categorias primárias de estratificação social, como sexo, idade, classe socioeconômica, entre outros. Desse modo, o uso de uma das variantes pelos falantes reflete o grupo social em que eles estão inseridos.

A segunda onda, por sua vez, embora também possua como foco de análise os padrões de transformação linguística numa comunidade geograficamente definida, utiliza categorias sociais localmente definidas para os valores atribuídos às variantes. Assim, tais pesquisas possuem um olhar mais etnográfico, que observam de que modo tais categorias locais se relacionam com as macrocategorias consideradas nos estudos de primeira onda, focando mais detidamente as categorias dos falantes (ECKERT, 2012).

O primeiro trabalho que se enquadra nessa perspectiva, conforme mencionado anteriormente, foi realizado na ilha de Martha's Vineyard sobre a centralização dos ditongos, desenvolvido por Weinreich, Labov e Herzog ([1968] 2006). Os autores tinham como objetivo verificar se a aceitação ou não do processo de entrada e saída da ilha era refletido no comportamento linguístico dos falantes nativos em relação às variáveis explicitadas. A partir de uma análise, os pesquisadores chegaram à conclusão

⁵Labov (1972 apud Eckert, 2012, p. 3) defines the vernacular as the speaker's most automatic linguistic production free of conscious interference, which is to be witnessed in the most unreflective, spontaneous, speech.

de que os habitantes que concordavam com a abertura da ilha para o turismo diminuíssem a centralização, enquanto os que se opunham à invasão dos veranistas conservavam mais as formas centralizadas, ou seja, essa variante se comportava como uma marca de identidade daquela comunidade de fala.

A exemplificação de uma abordagem da segunda onda também se dá por um trabalho realizado por Eckert (1989; 2000, apud ECKERT, 2012, pp. 11-12). Em um colégio localizado em Detroit, onde há uma distinção bem marcada entre duas categorias sociais, a dos *Jocks* e a dos *Burnouts*, a pesquisadora constatou que diferentes usos de determinadas variáveis, dentre elas o acento de vogais médias e baixas, eram utilizados, respectivamente, na composição de estilos das duas comunidades de prática distintas. Isso comprova não apenas a identidade linguística dos adolescentes da comunidade de prática mencionada, mas ratifica o que já foi exposto anteriormente: as três ondas não têm delimitações temporais bem marcadas, fazendo com que elas não se sucedam, nem se excluam.

A terceira onda enxerga de forma diferente a relação entre variação e as categorias sociais isoladas (sejam elas macro ou de orientação local) na medida em que acredita que os significados sociais impetrados às variantes não podem ser atribuídos fora de contextos sociais e reais de uso. Dessa forma, um significado social pode mudar de um contexto para o outro, a depender do interlocutor e da situação de comunicação. O foco desse programa de estudos sociolinguísticos não é a mudança, como os anteriores. Seu interesse é entender que informações sociais as pessoas buscam passar dentro de uma interação social e por quê (SORIANO, 2015, p. 27 apud HENRIQUE, 2016, p.29).

Nesse sentido, há dois conceitos extremamente caros à terceira onda: estilo e comunidade de prática. No que diz respeito ao estilo, Eckert (2012) alega que por meio dele podemos identificar as distinções no uso de determinadas variantes linguísticas de acordo com o posicionamento de quem as usa nas diversas interações sociais de comunicação em que se envolvem, ou seja, há uma intenção e uma reflexão que motivam a seleção ou não do uso de uma variante de acordo com base nessas interações e na inserção dos falantes em grupos sociais.

Em relação a tais grupos sociais, trazemos à tona o conceito de comunidade de prática, que, segundo Eckert (2003, p. 44 apud Henrique, 2016, p. 30), é o “lôcus primordial de construção estilística”. Tais comunidades têm, por seus participantes, práticas em comum que as reúnem de forma regular, como a família, os colegas de

trabalho, os amigos de infância, etc. É importante mencionar que essas práticas fazem com que seus participantes compartilhem, em certa medida, do mesmo olhar para a realidade que os cercam.

Henrique (2016) explica que a relação entre

a variação e a atribuição de significados sociais [...] podem envolver análises que lidem com a produção de informantes/indivíduos em contextos específicos, como também podem debruçar-se sobre questões ligadas a percepções sociolinguísticas de variantes fonéticas (pp. 28-29).

Desse modo, podemos supor que os trabalhos inclusos nessa perspectiva, por ter um viés qualitativo mais aprofundado, podem contar com um número reduzido de informantes. Cabe ressaltar, contudo, que essa escolha depende unicamente dos objetivos do pesquisador diante do fenômeno linguístico analisado. É nesse contexto, portanto, que os trabalhos com foco na percepção de fala se inserem.

1.3 Os trabalhos sobre percepção de fala

A variação na fala pode ser detectada em diferentes níveis: intrafalante, interfalante, em nível da realização segmental, no contexto da palavra, em diversas regiões geográficas, entre outros exemplos. As abordagens tradicionais relacionadas ao estudo de percepção da fala e ao processamento da língua falada geralmente ignoram essas fontes de variação e se pautam nas descrições fonéticas abstratas, desconsiderando a variabilidade linguística que enunciados, falantes e contextos podem oferecer e, consequentemente, interferir na percepção.

Nesse sentido, Nygaard e Pisoni (1998) têm considerado não apenas os efeitos da variação linguística nos falantes, mas também o impacto da variação dialetal e as implicações dessas diferenças para as tarefas de processamento da língua falada, apresentando tais vertentes da Linguística não de forma segregada, como ocorria anteriormente, mas tomando-as como complementares entre si. A proposta deste trabalho, portanto, enquadra-se na terceira onda da Sociolinguística, pois trata da percepção de fala por ouvintes no contexto escolar.

Para a construção da metodologia deste trabalho, elencamos, portanto, as pesquisas desenvolvidas por Lopes (2012), Oushiro (2015) e Henrique (2016), visto que todos apresentam, em maior ou menor grau, foco na percepção de fala em comunidades

linguísticas distintas. Além disso, as três pesquisas atentam para a necessidade do rigor metodológico, como o controle das variáveis e dos elementos suprasegmentais, a fim de obter resultados mais confiáveis nas análises estatísticas.

2. ESTUDOS SOBRE A INTERFERÊNCIA DA ORALIDADE NA ESCRITA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Discutimos, nesta seção, a importância de se considerar a variação linguística no contexto do ensino de língua materna a partir da perspectiva dos Parâmetros Curriculares Nacionais PCN (1997) e sob as fundamentações de Bortoni-Ricardo (2004), de Faraco (2012) e de Roberto (2016). Já sobre as pesquisas que discutem a Teoria da Variação a fim de analisar processos fonológicos e a relação com o ensino de Língua Portuguesa, selecionamos as de Vieira (2005), Aquino (2014) e Henrique (2014)

2.1 A Sociolinguística e o contexto escolar: teorias

Sabemos que as discussões da Sociolinguística têm chegado à sala de aula e reverberado no ensino da língua materna, embora isso nem sempre ocorra da melhor forma. Nesse sentido, os PCN têm um papel significativo, pois propõem objetivos e metodologias para serem desenvolvidos pelo professor de língua materna, como meio de desenvolver e/ou potencializar as competências linguísticas dos educandos. Acerca do uso da língua oral e escrita, os documentos afirmam que

Não é papel da escola ensinar o aluno a falar: isso é algo que a criança aprende muito antes da idade escolar. Talvez por isso, a escola não tenha tomado para si a tarefa de ensinar quaisquer usos e formas da língua oral. Quando o fez, foi de maneira inadequada: tentou corrigir a fala “errada” dos alunos — por não ser coincidente com a variedade lingüística de prestígio social —, com a esperança de evitar que escrevessem errado (1997, p. 38).

Sobre o exposto, fica claro que a Teoria da Variação é uma das teorias que fundamentam os PCN. Entretanto, isso não é suficiente, considerando a possibilidade de o professor de LP não conhecer tal documento, muito menos as discussões dessa teoria. Isso explica, em partes, o fato de ainda termos alguns profissionais que não consideram a distinção entre língua falada e escrita, tomando-as como sinônimos, o que afeta a metodologia do docente e, conseqüentemente, o desempenho do estudante.

Outro ponto importante a ser discutido é a relação entre o processo de leitura e o de escrita. Embora distintos, eles são complementares, uma vez que ser exposto a diversos usos linguísticos, nos mais diversos contextos, pode ampliar o letramento do

discente. Mais uma vez, cabe ressaltar a importância da mediação do professor, que deve pautar o ensino da ortografia em duas premissas:

- a inferência dos princípios de geração da escrita convencional, a partir da explicitação das regularidades do sistema ortográfico (isso é possível utilizando como ponto de partida a exploração ativa e a observação dessas regularidades: é preciso fazer com que os alunos explicitem suas suposições de como se escrevem as palavras, reflitam sobre possíveis alternativas de grafia, comparem com a escrita convencional e tomem progressivamente consciência do funcionamento da ortografia);
- a tomada de consciência de que existem palavras cuja ortografia não é definida por regras e exigem, portanto, a consulta a fontes autorizadas e o esforço de memorização (PCN, 1997, p. 57).

Nesse sentido, Bortoni-Ricardo (2004) acredita que, ao se deparar com uma regra não padrão utilizada pelos discentes, o professor de LP deve intervir, a partir de duas perspectivas: identificação e conscientização. A primeira se dá por meio do reconhecimento da regra que o educando não realizou; para isso, é de suma importância que o professor tenha ciência desse processo de regras. A segunda, por sua vez, depende da primeira, pois o docente, após a identificação, deve fazer com que o aluno se atente ao processo que ele (não) realizou, a fim de que ele compreenda as regras ortográficas e coloque-as em sua prática de escrita.

A linguista salienta, ainda, a importância de o professor atentar para o contexto do discente, considerando e respeitando as suas características culturais e psicológicas, buscando não constranger ou minimizar o conhecimento que ele traz de sua comunidade de fala. Pelo que pudemos observar, a autora se refere à fala e seus contextos de uso, mas isso não impede que ampliemos a discussão apresentada para situações que envolvem língua falada e escrita.

Do mesmo modo, Roberto (2016) defende que o professor não pode se abster de ser ativo no processo de mediação, uma vez que é ele quem conscientiza os alunos sobre o conhecimento que eles possuem através do processo de reflexão do uso da própria língua, seja ele oral ou escrito, isto é, o professor deve fazer o aluno ter consciência fonológica. A autora também explica que o “fracasso escolar” pode, dentre outros fatores, advir das posturas relutantes desses profissionais em considerar as novas teorias como forma de melhorar suas metodologias. Para isso, é de suma importância que as discussões realizadas na academia cheguem ao ambiente escolar de maneira mais eficaz.

Em relação ao ensino de ortografia e sua relação com a oralidade, Roberto (2016) afirma que

[...] mesmo passado o período inicial de alfabetização, o apoio na oralidade, reflexo de pouca leitura e desconhecimento do registro gráfico de algumas palavras, bem como o desconhecimento da regra na relação fonográfica [...] se manifestarão na escrita desviante. Os casos de relações irregulares, aliás, seguem ao longo de toda a jornada escolar e, ainda, na fase adulta, sempre que uma palavra nova surge. Preocupa é que relações regulares continuem a manifestar-se com registro equivocado após os primeiros anos de escolaridade, o que denuncia problemas no processo de ensino e aprendizagem da ortografia. Lamentável é que esses mesmo desvios ortográficos sejam interpretados, na maior parte dos casos, como um problema associado à incompetência do aprendiz (p. 162).

Reiteramos, mais uma vez, a importância do professor no processo de mediação do ensino de língua materna, além de nos questionarmos o seguinte: mesmo sabendo que o ensino de LP passa por problemáticas, será que a transferência da fala para a escrita, mesmo com um professor que conscientize os discentes das diferenças entre oralidade e escrita, não se dá, também, pela interferência da percepção da variação linguística?

A respeito da variação das vogais médias pretônicas, Bortoni-Ricardo (2004, p.80) além de afirmar que “é muito importante observar que as vogais médias /e/ e /o/ são geralmente pronunciadas /i/ e /u/ em sílabas átonas, pretônicas ou postônicas”, menciona o processo de abaixamento dessas vogais nas comunidades de fala nordestinas. Nesse contexto, a autora fala apenas sobre a dificuldade que os alunos têm em representar as vogais e os ditongos nasais, mas vale destacar, aqui, que o processo de harmonia vocálica pode ser tão complexo de ser grafado pelo discente quanto o processo de nasalização, necessitando de intervenção do professor.

Ainda sobre a variação indicada anteriormente e sua relação com a ortografia, Faraco (2012, pp. 154-155) explica que a utilização de uma das variantes (aberta, fechada ou alta) oscila, aparentemente, conforme o grau de formalidade da fala. O problema consiste na utilização da vogal alta em posição pretônica, pois “costuma trazer problemas para o alfabetizando (ele tende a escrever *minino* e *curuja*). A superação dessa dificuldade inicial passa certamente pela percepção dos casos em que oscilamos na pronúncia.”

É justamente por isso que este trabalho busca investigar de que modo o processamento da língua falada pode interferir no aprendizado de uma língua escrita.

Ora, se os trabalhos de percepção de fala têm mostrado que os julgamentos dos ouvintes em relação a um falante podem ser positivos ou não em relação às características sociais e psicológicas deste, acreditamos que a percepção de variáveis distintas pode interferir diretamente no processo de escrita do aluno.

2.2 A Sociolinguística e o contexto escolar: a percepção e a escrita

Conforme discutido anteriormente, sabemos que a Sociolinguística tem contribuído para a construção de um novo olhar sobre a variação linguística no contexto da sala de aula, resultando, por exemplo, em estudos voltados à fonologia que comprovam a interferência da fala na escrita. Além dos trabalhos mencionados, podemos destacar os desenvolvidos por Mollica (2000), Hora (2006) e Henrique (2014), que analisaram o processo de monotongação na escrita de estudantes das séries iniciais do Ensino Fundamental.

Em relação aos trabalhos nesse âmbito que são voltados ao Ensino Fundamental II, elencamos os de Vieira (2005) e Aquino (2014). Ambas se propõem a analisar os erros em produções escritas dos discentes, sendo a primeira com foco no 3º ao 6º ano e a segunda, no 7º ano. As pesquisadoras, embora com resultados diferentes, chegaram à mesma conclusão: constataram que os erros mais frequentes são os que possuem a influência da oralidade, além de perceberem que, mesmo nos anos finais do primeiro segmento de ensino, os discentes ainda não possuem, como é esperado, domínio do sistema ortográfico. Entretanto, a pesquisa de Vieira (2014) se assemelha mais à nossa proposta, pois é desenvolvida a partir dos resultados de uma avaliação fonoaudiológica com alunos de uma escola do Rio de Janeiro – RJ, buscando compreender se e quais as pistas acústico-articulatórias contribuem para que os erros ortográficos permaneçam.

3. ESTUDOS SOBRE AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO (PB): PRODUÇÃO E PERCEPÇÃO

Neste capítulo, serão expostos alguns trabalhos que caracterizaram as vogais médias pretônicas no Português Brasileiro (PB) ou objetivaram analisar o comportamento dessas variáveis em nossa língua. Elencamos, portanto, os trabalhos de Câmara Jr (1970), Bisol (1981), Silva (1997), Lee e Oliveira (2006) e Schüller (2013) a fim de discutir a ocorrência desse fenômeno linguístico na comunidade pessoense.

3.1 O sistema vocálico do português brasileiro

Diferentemente das consoantes, as vogais são conhecidas por não possuir obstrução da passagem de ar no trato vocal e podem ser classificadas em orais ou nasais⁶. O primeiro caso ocorre quando o ar sai apenas pela cavidade bucal; o segundo, quando o ar sai, ao mesmo tempo, pelas cavidades bucal e nasal. Desse modo, tomando como base a fonologia estruturalista e o “sistema vocálico triangular” proposto inicialmente por Trubetskoy, Câmara Jr. (1970) definiu as vogais do PB em baixas, médias e altas. As vogais médias, por sua vez, podem ser de 1º grau, quando abertas, ou de 2º grau, quando fechadas⁷. Vejamos o quadro abaixo:

Quadro 1 – Vogais pretônicas

altas	/u/		/i/
médias	/o/		/e/
baixa		/a/	
	posteriores	central	anteriores


Fonte: Câmara Jr., 1970, p.43

Conforme dito anteriormente, as vogais médias, quando em posição pretônica, sofrem variação, podendo ser produzidas de três formas distintas: /e/ e /o/, respectivamente, como [ɛ, e, i] e [ɔ, o, u]. Assim, tem-se o quadro com as vogais que serão analisadas nesta pesquisa.

⁶As vogais nasais, consoante Câmara Jr (1970), não existem no PB. O que existe é o espraçamento do traço de nasalidade das consoantes nasais para as vogais, como por exemplo, em n[a]vio, m[e]sclado e n[u]vem, fazendo com que o F1 da vogal fique menor.

⁷Barbosa e Madureira (2015) caracterizam as vogais de 1º grau como semiabertas; as de 2º, semifechadas.

Quadro 2 – Possibilidades de produção das vogais médias em posição pretônica

/e, o/		[i, u] – alteamento (elevação)
		[e, o] – manutenção (média fechada)
		[ɛ, ɔ] – abaixamento (média aberta)

A caráter de exemplificação do quadro acima, tomemos os seguintes exemplos: 1) alteamento – r[i]alce, c[u]ruja 2) manutenção – r[e]alce, c[o]ruja e 3) abaixamento – r[ɛ]alce, c[ɔ]ruja. Sabendo das possibilidades de produção das vogais médias /e, o/ em posição pretônica, é interessante partirmos para as características físicas que cada uma possui, visto que a diferenciação entre elas se dá através de aspectos sutis, como anterioridade e posterioridade da língua, por exemplo.

3.2 Caracterização acústica das vogais médias pretônicas

Em termos de características acústicas, é de suma importância explicitar o que foi estabelecido como variante elevada, aberta e fechada, visto que, em um teste de percepção, é necessário definir bem o que está sendo considerado como distintivo entre as variantes mencionadas no que diz respeito às pistas acústicas de categorização. Para este teste, levou-se em consideração as discussões apresentadas por Ladefoged (2000) e Barbosa e Madureira (2015).

Ladefoged (2000) faz uma descrição geral do comportamento acústico dos sons das línguas, mais especificamente do inglês e, segundo ele, os sons vocálicos podem ser analisados a partir da frequência de seus formantes, que apresentam as zonas de concentração de energia no trato vocal. Segundo o linguista, os dois primeiros formantes⁸ (F1 e F2) são suficientes para caracterizar uma vogal.

Barbosa e Madureira (2015) também discorrem sobre a acústica das vogais com base em dados empíricos de fala. De acordo com os autores, a frequência do primeiro formante (F1) é inversamente proporcional à altura da língua durante a produção da vogal, ou seja, quanto mais alta for a vogal, menor será a sua frequência para F1. A vogal [a], por exemplo, é a vogal que possui o maior valor para F1, visto que ela é a vogal mais baixa. Já a frequência do segundo formante (F2) diz respeito à posição da língua durante a produção dos segmentos vocálicos. Quanto mais anterior for a vogal, maior o valor para F2; quanto mais posterior, menor o valor. A vogal [u], por

⁸Masip (2014, p.142) define o formante como uma “mancha no espectrograma, reflexo das frequências de um som complexo, fruto dos dois principais ressoadores do aparelho vocal: a faringe (primeiro formante) e a laringe (segundo formante)”.

exemplo, possui a frequência de F2 mais baixa que a vogal [i], como podemos perceber nas frequências das palavras abaixo:

Quadro 3 – Médias geométricas de frequência dos dois primeiros formantes das vogais em Hertz para quatro falantes brasileiras

Vogal	F1	F2
i	354	2501
e	459	2343
ɛ	678	2106
a	967	1563
ɔ	667	1117
o	480	979
u	366	837

Fonte: Barbosa e Madureira, 2015, p. 306.

Tendo em vista que as frequências expostas no quadro acima são tidas como as principais para caracterizar as vogais, para este trabalho foram medidas, através do *Praat*, as frequências do primeiro formante (F1) e do segundo formante (F2) de /e, o/, em posição pretônica, nos estímulos utilizados para a confecção do teste. Conforme dito anteriormente, os valores de F1 dizem respeito à altura da língua durante a produção dos sons da fala; os de F2, à anterioridade/posterioridade da língua. Já a frequência do terceiro formante (F3) nos fornece pistas sobre o trato vocal e a posição da ponta da língua e, mesmo tendo gravado os estímulos com apenas uma informante, também calculamos essa frequência, visto que ela pode ser útil para pesquisas posteriores.⁹

3.3 Estudos sobre a produção das vogais médias pretônicas

Tal fenômeno foi estudado no PB, inicialmente, por Bisol (1981), no Rio Grande do Sul – RS. Segundo a autora, a instabilidade encontrada na fala popular e culta¹⁰, em relação à harmonização do uso das vogais médias em posição pretônica, é uma herança do Português Europeu (PE). O trabalho se propôs a investigar, através de entrevistas e testes e sob uma perspectiva sincrônica, a frequência do processo fonológico mencionado pelos falantes gaúchos.

⁹Ver apêndice A.

¹⁰Bortoni-Ricardo (2004) propõe a norma culta do PB a partir de três *continuum*: urbanização, oralidade-letramento e monitoração estilística.

Acerca do processo de harmonia vocálica, Bisol (1981, p.119) afirma que “é, em sua essência, uma regra de condicionamento fonológico”. Em outras palavras, a autora explica que ele ocorre devido à influência de uma vogal alta na sílaba seguinte (como /i/ e /u/) e independe da tonicidade da palavra, podendo ocorrer, conseqüentemente, em qualquer sílaba e em qualquer vogal da palavra. Portanto, “a redução das átonas está diretamente ligada ao enfraquecimento da sílaba” (BISOL, 1981, p. 30).

Ainda de acordo com a autora, há outras variáveis dependentes que motivam a harmonia vocálica, como a contiguidade da sílaba pretônica, sendo mais recorrente em /o/ do que /e/. Já os contextos precedentes e seguintes que favorecem a harmonia vocálica são labial e velar para /e/ e alveolar e palatal para /o/, como por exemplo, s[e]mana, p[e]queno, p[o]der e t[o]mate. Em relação às variáveis extralinguísticas, as que mais favorecem são a idade, a etnia e o monitoramento estilístico (teste). É importante ressaltar, ainda, que não há variantes estigmatizadas nem o uso das vogais médias baixas no dialeto mencionado, opondo-se à realidade linguística do nosso foco de investigação.

A pesquisa de Silva (1997), por sua vez, teve como lócus de investigação a cidade de João Pessoa – PB. A autora expõe que “o princípio da harmonização vocálica é estudado não só em função da elevação a que as vogais se submetem, mas também como responsável de timbre fechado e aberto” (1997, p.43) e que a realização das médias abertas é recorrente em Natal – RN e Salvador – BA.

Em relação a esse processo, foi comprovado que as vogais /i/ e /u/ na sílaba seguinte são as maiores condicionadoras da realização das variáveis nos três níveis de posição das vogais médias pretônicas, sendo a vogal recuada /o/ mais propensa à abertura do que a não-recuada /e/ (como em v[ɛ]getal e vel[ɔ]rio), sendo a variante aberta categórica na sílaba anterior /ɔ/(como em c[ɔ]locar). Além disso, a autora afirma que as variantes abertas [ɛ] e [ɔ] são as mais recorrentes, seguidas das elevadas [i] e [u] e das fechadas [e] e [o] na comunidade de fala pessoense.

Acerca dos contextos fonológicos e sua influência na produção das variáveis mencionadas na fala pessoense, a autora destaca, como favorecedores para [ɛ] a vibrante posterior como contexto precedente e seguinte; para [ɔ], a palatal e a alveolar precedentes e a sibilante seguinte. Para a manutenção, a palatal precedente favorece [e] (como em “jejum”), enquanto a vibrante posterior precedente e a palatal seguinte favorecem [o] (como em “rosnar”). Já para a elevação das variantes, tem-se como

favorecedor o contexto labial como precedente, além da sibilante no contexto seguinte, como nos vocábulos “bexiga” e “bochecha”, por exemplo. Quanto às variáveis extralinguísticas, são as mulheres entre 26 e 49 anos e os universitários que mais favorecem a manutenção das variáveis dependentes, que são as de maior prestígio em nossa comunidade de fala.

Por fim, destacamos o trabalho de Lee e Oliveira (2003 apud VOGLEY, 2012), que teve como foco analisar as variáveis mencionadas no dialeto baiano, buscando explicar a não realização da harmonia vocálica mesmo em vocábulos que apresentam o contexto favorável, como em r[ɛ]vista e pr[ɔ]fundo.

Segundo os autores (apud VOGLEY, 2012, p. 152), “o alçamento da média pretônica pode também ocorrer sem que ela preceda uma vogal alta na sílaba seguinte, como ocorre nos exemplos, extraídos pelo próprio autor, do dialeto baiano: p[u]lcial, g[u]verno e c[u]meu.” O comportamento vocálico do dialeto baiano, portanto, ocorre de modo diferente dos dialetos sulistas, uma vez que predominam, nestes, as médias fechadas.

Com base nisso, Lee (2012) defende que a harmonia vocálica é engatilhada não apenas pelas vogais altas (que sempre motivam a HV), mas também pelas médias baixas, como em r[ɛ]lógio, t[ɛ]ólogo, m[ɔ]derno e h[ɔ]tel. Por fim, o autor acredita que os processos fonológicos se dão de forma misturada nas comunidades de fala brasileiras, e que a flutuação, ou seja, a variação interdialeto é tão ínfima que não chega a haver problemas de compreensão por parte dos falantes.

Em relação ao processo de neutralização, Battisti e Vieira (2005, apud VOGLEY, 2012) afirmam que

[...] ocorre quando há a perda de um traço distintivo, reduzindo dois fonemas a uma unidade sonora. No caso da neutralização vocálica, o traço distintivo é perdido na posição pretônica. Em outras palavras, não há mais uma divisão entre /e/ e /ɛ/ e entre /o/ e /ɔ/ enquanto duas unidades fonológicas distintas, visto que, em posição pretônica, não há oposições entre esses fonemas (p. 131).

Entretanto, sabemos que cada variante possui um significado social que muitas vezes leva o falante a optar, conscientemente, pelo uso de uma dessas duas variáveis. Em nossa comunidade de fala, conforme temos discutido, sabemos que, embora o uso mais frequente seja as vogais médias baixas, as outras variáveis também são utilizadas, o que nos leva a acreditar que os resultados dos testes de percepção aplicados

apresentam uma grande aceitação das variáveis médias fechadas, principalmente pelo fato de os informantes ainda estarem em processo de “estabilidade” da variação linguística utilizada.

3.4 Estudo sobre a percepção das vogais médias pretônicas

Conforme mencionado anteriormente, trabalhos que tomam como foco a percepção da fala vêm crescendo ao longo dos anos, embora ainda sejam escassos no Brasil. Sobre a percepção das vogais médias em posição pretônica, citamos o de Schüller (2013), que teve como objetivo verificar a percepção de falantes nativos de PB, das vogais médias altas e altas, em posição pretônica, que sofreram os processos de harmonia e/ou de alçamento.

O trabalho desenvolvido pelo pesquisador mencionado se assemelha ao nosso em relação ao número de informantes, o que ratifica a discussão apresentada na seção 1.3 deste estudo. Foram selecionados 40 informantes, sendo 20 do sexo masculino e 20 do sexo feminino, estratificados de acordo com a escolaridade, idade e naturalidade. O teste de identificação consistia em ouvir uma palavra e, marcar, na tela do computador, a vogal que mais se assemelhava à sílaba que sofria o processo de HV ou AV. Os estímulos da pesquisa foram gravados por quatro falantes gaúchos, sendo dois homens e duas mulheres, todos do curso de Letras Português. No total, os ouvintes foram submetidos a “60 palavras que sofrem o processo de harmonia vocálica ou de alçamento vocálico no PB, 60 palavras que não sofrem o processo de harmonia vocálica ou de alçamento vocálico no PB, além 20 de palavras distratoras, totalizando 140 palavras” (SCHÜLLER, 2013, p. 32)¹¹.

Ainda sobre a confecção do teste, Schüller (2013, p. 32) afirma que “somente algumas produções de cada locutor foram utilizadas na composição do teste de identificação”. Cabe, aqui, um questionamento: será que a avaliação dos ouvintes não foi influenciada pelas características idiossincráticas dos falantes, visto que, conforme apresentado anteriormente, as informações suprasegmentais também influenciam na percepção de fala?

No que concerne aos resultados, foi identificado que os ouvintes, em relação à percepção da vogal média pretônica, em contexto de HV, obtiveram 70,8% de acerto;

¹¹ A gravação dos estímulos tomou como base a proposta de Barbosa e Madureira (2015).

em contexto de AV, 69,6%. Não houve diferença significativa entre as vogais altas [i] e [u]. Já a percepção da vogal pretônica, em contexto de HV, porém sem a aplicação deste processo para /e, o/ em posição pretônica, os ouvintes obtiveram 96,9% de acerto; em contexto de AV, 93,4%. Assim como para as vogais altas, não houve diferença significativa na percepção das vogais médias pretônicas [e] e [o].

Por fim, Schüller (2013) comprova que não houve 100% de acerto das vogais médias [e] e [o] em contexto de HV ou AV, nem das vogais altas [i] e [u] que resultaram desses processos. Acreditamos que, nesse caso, caberia uma análise qualitativa ou outro teste que buscasse compreender a identidade dos ouvintes, pois o “não acerto” pode ser um indício de preferência de fala dos informantes que participaram do teste, ou seja, mesmo reconhecendo as variantes média e alta, os informantes selecionavam uma divergente da que lhe era apresentada simplesmente por não se identificar com aquele uso.

4. METODOLOGIA

O trabalho exposto aqui é de natureza qualitativa e quantitativa, pois 1) toma testes estatísticos como um dos métodos de análise dos dados empíricos coletados e 2) se objetiva a descrever e implementar análises sobre possíveis diferenças entre as percepções das vogais médias em posição pretônica, além de investigar o nível de consciência dialetal dos pessoenses com relação às variáveis em questão e a relação destas com a aquisição da língua escrita.

Dividida em três partes, esta seção expõe, inicialmente, a caracterização do teste de percepção, apontando a variável dependente a ser analisada e as independentes a serem controladas. Em seguida, é apresentado o *corpus* linguístico utilizado para o desenvolvimento desse trabalho e, por fim, a descrição do método de análise estatística utilizado para a obtenção dos resultados.

4.1 A confecção dos testes de percepção

A montagem do experimento e o método de análises estatísticas apresentado foram baseados nos trabalhos desenvolvidos por Lopes (2012), Oushiro (2015) e Henrique (2016). Para responder ao questionamento sobre a existência de diferença entre as vogais médias /e, o/ em posição pretônica, foi solicitado inicialmente que o estudante escrevesse uma palavra que sofre o processo de harmonia vocálica após escutá-la. Optamos primeiramente por esse teste, pois, no contexto dos estímulos apresentados, os processos de HV ou AV são recorrentes ou possíveis em nossa comunidade de fala.

O segundo teste, por sua vez, consistiu em identificar se as palavras que compunham os pares eram iguais ou diferentes. Caso a resposta desse teste fosse “diferente”, um terceiro teste era realizado, e consistia na avaliação dos estudantes sobre as pronúncias. Eles avaliaram, portanto, o quão diferente soavam as duas pronúncias de uma mesma palavra com relação a /e, o/ em posição pretônica, numa escala de 1 a 9, sendo 1 “muito parecidas” e 9 “muito diferentes”.

Por fim, aos alunos que afirmaram que havia diferença entre as duas pronúncias ouvidas, duas outras perguntas foram feitas: 1) “Qual das duas pronúncias se parece mais com o modo como os pessoenses falam?” e 2) “Qual das duas pronúncias parece mais com o modo como você fala?”. Essas questões foram colocadas para que

podéssemos avaliar a percepção dos estudantes pessoenses sobre seu modo de falar e o de sua comunidade. Por fim, aplicamos um questionário socioeconômico a fim de embasar a análise qualitativa dos resultados. É importante esclarecer que optamos por fazer o questionário no *Word*¹² a fim sanar possíveis dúvidas no momento da realização deste.

4.1.1 A gravação dos estímulos

Em relação à confecção dos estímulos, foram gravadas três pronúncias de um grupo de 8 palavras por uma falante pessoense, moradora da Zona Sul da cidade, universitária¹³ e que se enquadra na faixa etária de 15 a 25 anos. Ela foi escolhida não apenas devido à sua disponibilidade para as gravações, mas também por ser filha de pessoenses e nunca ter se ausentado da cidade por mais de dois anos, um dos critérios propostos por Labov [2008 (1972)] para tomarmos a fala de um indivíduo como representação de uma comunidade linguística. Além disso, a lista de palavras foi gravada por apenas uma informante, dado que todos os estímulos (24 no total) deveriam ser multiplicados pelo número de informantes a fim de garantir que não houvesse interferência idiossincrática de cada um deles na percepção dos ouvintes. A extensão do teste, portanto, ficaria comprometida, pois duraria mais tempo e isso poderia influenciar na atenção dos estudantes.

A gravação dos estímulos aconteceu no Laboratório de Variação Linguística da Paraíba (VALPB)¹⁴, ambiente com ruído inferior a 50 dB, a partir de um gravador portátil, marca Tascam, modelo DR-2d, com precisão de gravação de 24bit / 96kHz. A taxa de amostragem do gravador foi ajustada para 44.100 KHz no momento da coleta e o microfone foi posicionado a 5 cm da boca da informante.

As palavras que compunham o roteiro de gravação foram escolhidas para abranger contextos que influenciavam os processos de HV ou AV nas vogais médias em posição pretônica. Para cada palavra do quadro apresentado à informante, portanto, foram realizadas três repetições em uma gravação, sendo três gravações distintas com as três produções possíveis para /e/ e /o/: uma com a pronúncia aberta, uma com a

¹² Ver Apêndice A.

¹³ A informante cursa o 5º semestre de Serviço Social da UFPB.

¹⁴ Iniciado em 1993 pelo professor Dermeval da Hora Oliveira, o Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba (VALPB) tem como objetivo pesquisar a realidade linguística da comunidade de João Pessoa – PB.

pronúncia fechada e uma com a pronúncia alta¹⁵. As Figuras 1, 2 e 3 apresentam o espectrograma, sem edição, do trio de gravações feito para a palavra “oposto”.

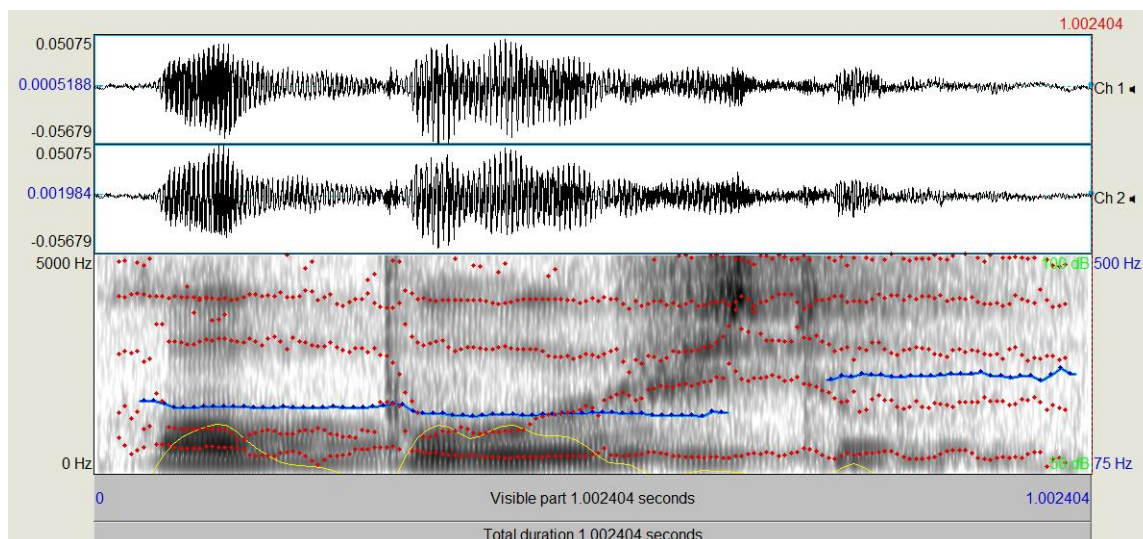


Figura 1: Espectrograma da palavra “oposto”, sem edição, produzida pela informante, com abaixamento do /o/ em posição pretônica

Fonte: Pesquisa direta, 2017

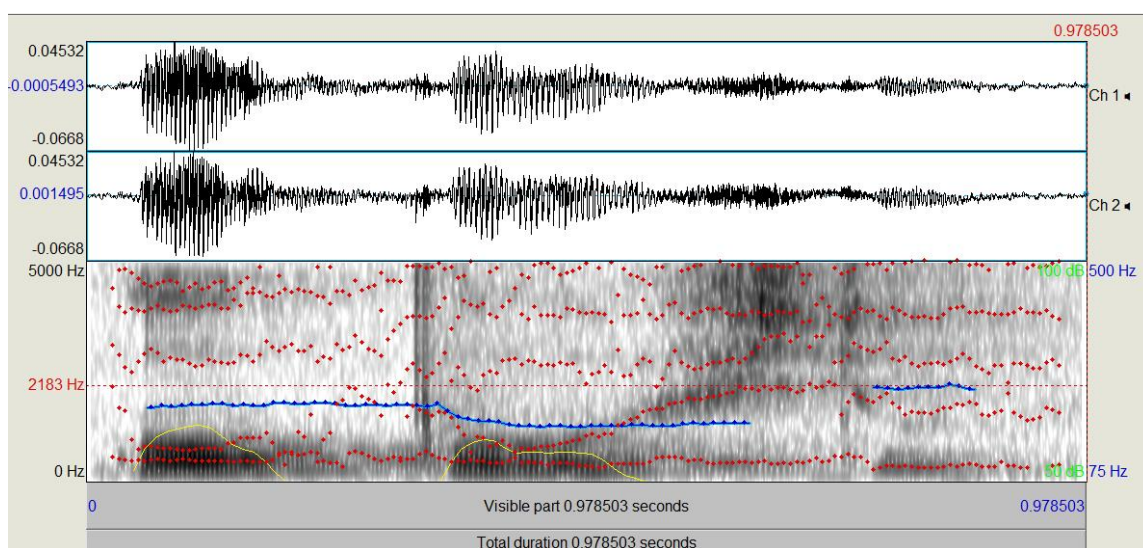


Figura 2: Espectrograma da palavra “oposto”, sem edição, produzida pela informante, com manutenção do /o/ em posição pretônica

Fonte: Pesquisa direta, 2017

¹⁵ É importante salientar que a metodologia proposta por Barbosa e Madureira (2015), em que os contextos fonológicos anteriores e sucessores à palavra analisada fossem controlados, foi cogitada. Entretanto, ao gravarmos os estímulos, percebemos que a duração das palavras ficou comprometida, o que poderia influenciar na percepção das vogais que analisamos neste trabalho.

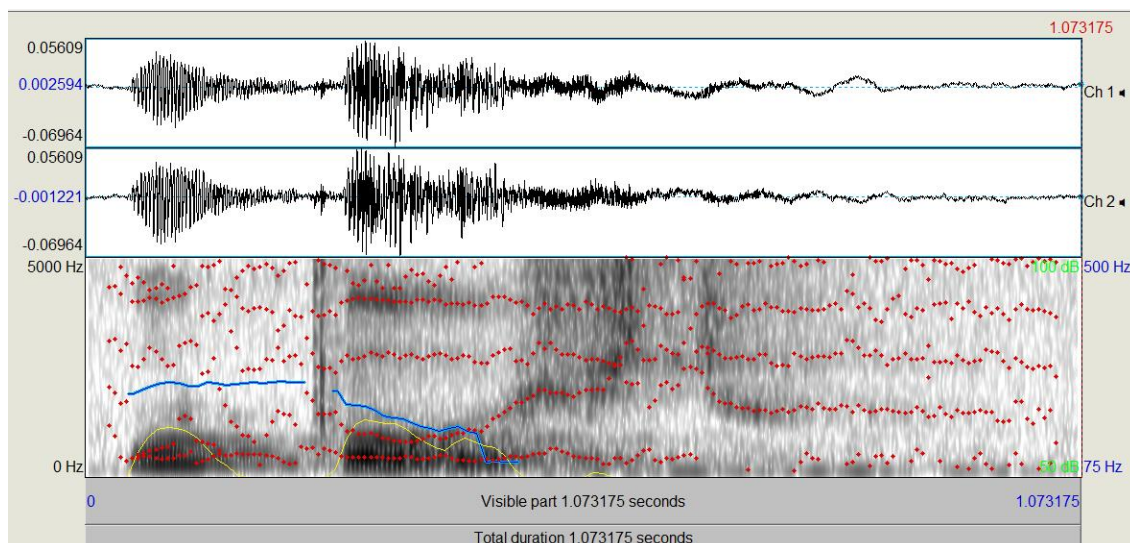


Figura3: Espectrograma da palavra “oposto”, sem edição, produzida pela informante, com alteamento do /o/ em posição pretônica

Fonte: Pesquisa direta, 2017

Acerca das características acústicas que podem influenciar o contexto informacional da fala, Lopes e Andrade (2012) afirmam que

A carga informacional veiculada à fala depende tanto das características segmentais, os sons discretos, divisíveis e que comungam de determinadas propriedades; quanto suprasegmentais, que se referem às variações de duração, frequência e intensidade na produção de cada som vocálico ou consonantal (p. 14).

Por isso tentamos, na medida do possível, homogeneizar os estímulos quanto às variáveis que pudessem interferir nos resultados do teste de percepção, como tonicidade (selecionamos apenas palavras em que a sílaba tônica estivesse em posição contígua à pretônica, ou seja, a sílaba adjacente à pretônica), contexto precedente, número de sílabas da palavra (trissílabas ou polissílabas), classe gramatical (nomes) e vogal da sílaba seguinte. Abaixo, segue a lista de estímulos gravados e as variáveis que foram controladas para os testes estatísticos subsequentes.

Quadro 4 – Lista de palavras propensas a sofrer o processo de harmonia vocálica

Palavra	Tipo da vogal	Cont.fon. prec.	N. de Sílabas	Categoria Gramatical	Vogal da síl. seg.	Dist. da síl. Tônica
Pepino	E	[p] – labial	Trissílabo	Substantivo	i	contígua
Seguro	E	[s] - alveolar	Trissílabo	Adjetivo	u	contígua
Depressa	E	[d] - linguodental	Trissílabo	Adjetivo	ɛ	contígua

Esporte	E	[ø]	Trissílabo	Substantivo	ɔ	contígua
Comício	O	[k] – velar	Polissílabo	Substantivo	i	contígua
Noturno	O	[ɲ] - linguodental	Trissílabo	Adjetivo	u	contígua
Bolero	O	[b] – labial	Polissílabo	Substantivo	ɛ	contígua
Oposto	O	[ø]	Trissílabo	Adjetivo	ɔ	contígua

Os pares de palavras iguais foram usados como distratores e como forma de controlar a atenção dos participantes durante o teste. Quando o estudante atribuía distinção a dois pares de palavras iguais, esse teste era descartado da análise. É importante mencionar que todos os estímulos individuais apresentados aos alunos possuíam 2s; os pares, 4s. Optamos por padronizar a duração dos estímulos a fim de evitar uma possível influência na percepção dos discentes.

No geral, 61 estudantes ouviram, através de um fone de ouvido, 8 palavras como estímulo para escrevê-las, além de 48 pares de palavras para serem avaliados em iguais ou diferentes. Dentre os testes aplicados, descartamos 21, posto que os discentes atribuíram grau de diferença a dois ou mais pares de palavras distratoras ou alegaram ter algum problema auditivo. O *corpus* para análise foi constituído, portanto, pelas respostas de 40 estudantes, sendo 320 palavras escritas e 960 análises dos pares de estímulos.

4.1.2 A edição dos estímulos

Conforme mencionado anteriormente, foi solicitado que a informante realizasse as três variáveis das vogais médias em posição pretônica para que pudessemos homogeneizar os contextos precedente e seguinte dos estímulos e a edição ficasse o mais natural possível. Após normalizarmos os áudios no programa SoundForge 10.0, por meio da aplicação da função "normalize - 6dB", utilizamos o programa *Praat* para a edição das vogais. Seleccionamos, portanto, como palavras-base aquelas que, prosodicamente, soavam de modo mais natural. Foram elas:

Quadro 5 – Lista de palavras-base para edição

C[ɔ]mício
D[e]pressa
[E]sporte
B[ɔ]lero
N[u]turno

[U]posto
P[ɛ]pino
S[e]guro

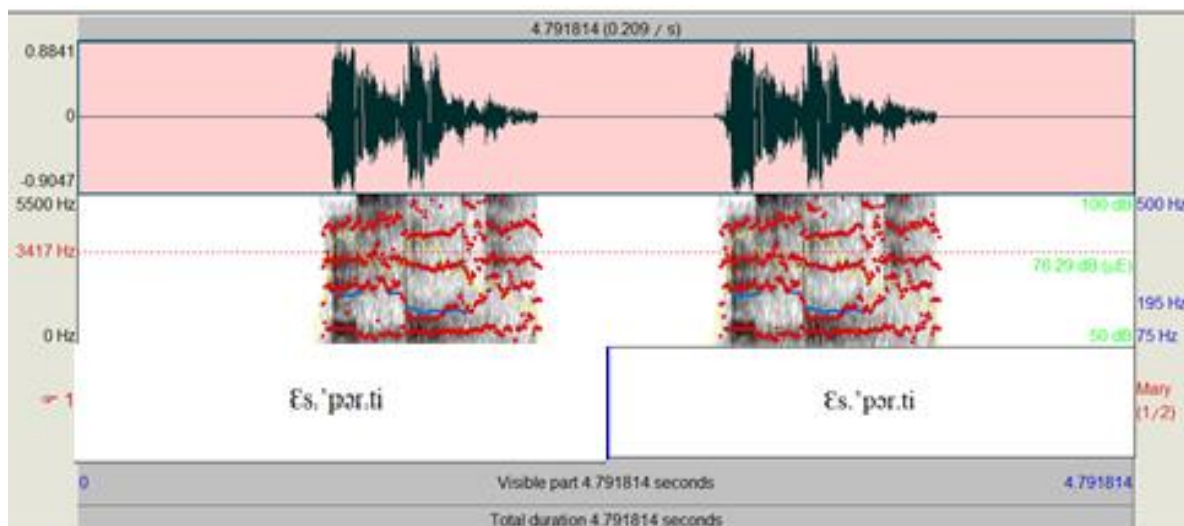


Figura 4: Espectrograma de um par de palavras-estímulo totalmente igual, com edição, sendo [e]sporte a palavra-base

Fonte: Pesquisa direta, 2017

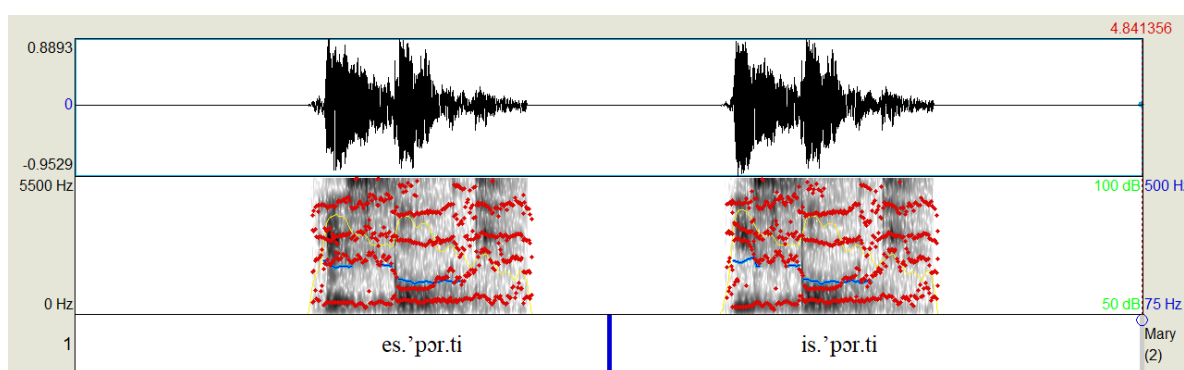


Figura 5: Espectrograma de um par de palavras-estímulo totalmente diferentes, com edição, sendo a primeira a palavra-base

Fonte: Pesquisa direta, 2017

4.2 Definição das variáveis

As variáveis dependentes deste trabalho oscilam a depender do teste e dos resultados que queremos extrair. Em alguns testes, selecionamos como variável dependente as vogais médias /e/ e /o/ em posição pretônica, que têm como variantes, respectivamente, [ɛ, e, i] e [ɔ, o, u], como por exemplo, “p[ɛ]squisa / p[e]squisa / p[i]squisa” e “pr[ɔ]posta / pr[o]posta / pr[u]posta”; em outros, selecionamos a pronúncia dos falantes pessoenses, por exemplo. Em relação às variáveis independentes, temos dois grupos: as linguísticas (ou estruturais, que dizem respeito aos aspectos inerentes à

língua) e as extralinguísticas (ou sociais, que dizem respeito a aspectos da sociedade que podem interferir na forma como a língua é utilizada).

Como variáveis linguísticas, foram controladas: 1) o contexto fonológico precedente às vogais médias pretônicas, sendo elas: alveolar, labial, linguodental, velar e o zero fonético. Cada contexto mencionado precede, igualmente, /e/ e /o/; 2) a vogal da sílaba seguinte às vogais médias pretônicas, sendo elas [ɛ, i, ɔ e u], sucedendo, igualmente, /e/ e /o/¹⁶. Quanto às variáveis extralinguísticas, controlamos: 1) o ano escolar (restringimo-nos apenas aos anos do Ensino Fundamental II); 2) o tipo de escola (pública)¹⁷ e 3) o sexo (feminino e masculino).

4.3 O *corpus* linguístico

O *corpus* linguístico utilizado para esta pesquisa é composto por palavras escritas por 40 estudantes distribuídos entre o 6º e o 9º anos de uma escola pública da cidade de João Pessoa – PB, bem como pela avaliação da diferença existente entre as vogais médias pretônicas. Eles estão assim estratificados:

Quadro 6: Estratificação dos informantes

Sexo	Feminino	20 alunos
	Masculino	20 alunos
Escolarização	6º ano	10 alunos
	7º ano	10 alunos
	8º ano	10 alunos
	9º ano	10 alunos

Fonte: Pesquisa direta, 2017.

4.4 Método de análise

Conforme dito inicialmente, este trabalho utiliza uma abordagem quanti-qualitativa. Para a análise quantitativa das respostas dos estudantes foi utilizado o programa R (R Core Team, 2013)¹⁸. Já para a análise qualitativa, aplicamos um

¹⁶ Tanto Bisol (1981) quanto Silva (1997) apontam o contexto precedente e a vogal da sílaba seguinte como variáveis importantes a serem consideradas na análise das vogais médias pretônicas, o que não impede, evidentemente, que outras variáveis sejam consideradas, a depender do objetivo do trabalho.

¹⁷ Selecionamos, por ora, apenas a escola pública como *locus* de investigação. Entretanto, há a pretensão, para estudos posteriores, de aplicarmos os mesmos testes em escolas privadas, a fim de comparar e analisar os resultados e ampliarmos as hipóteses deste estudo.

¹⁸ O R é uma linguagem de programação voltada à análise de dados, que pode ser utilizada para realizar

questionário socioeconômico, desenvolvido com base no questionário utilizado pelo VALPB (2015)¹⁹ para a coleta de *corpus* do projeto. Os resultados encontram-se na seção a seguir.

computações estatísticas e gráficas, compilar e anotar *corpora*, produzir listas de frequências, entre diversas outras tarefas. Uma de suas principais vantagens é o fato de ser gratuito e estar disponível para uma variedade de plataformas (UNIX, Windows e MacOS). Sendo uma linguagem de programação, o R permite que o usuário customize uma série de tarefas que deseja executar e, conseqüentemente, tenha maior controle sobre os resultados obtidos. Isso significa, no entanto, que ao invés de clicar em botões com funções limitadas e pré-definidas, o usuário normalmente define as funções que deseja executar através de linhas de comando, que instruem o programa sobre o que fazer. Uma sequência de linhas de comando chama-se *script* ou *código* (OUSHIRO, 2014, p.134 apud Henrique, 2016, p. 66).

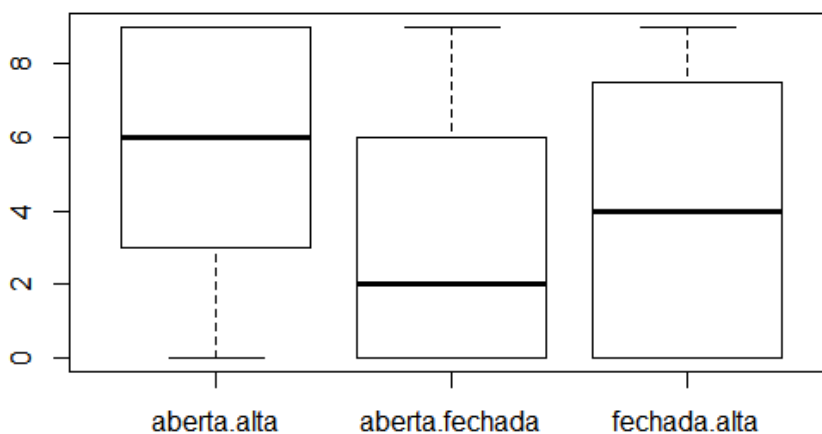
¹⁹ Ver apêndice C.

5. A PERCEPÇÃO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS E A ESCRITA: RELAÇÕES INTRÍNSECAS

Inicialmente, esclarecemos que o tratamento estatístico para a obtenção dos dados foi limitado, uma vez que o *corpus* é pouco robusto. Por esse motivo, as variáveis “Contexto fonológico precedente”, bem como as obtidas por meio do questionário social (como os acessos a bens culturais, como “viagem”, “cinema” etc.) foram descartadas, o que não nos impede de utilizá-las em uma pesquisa futura.

O primeiro resultado disposto refere-se à relação entre o grau de diferença marcado pelo ouvinte e os pares de palavras escutados. Conforme mencionado na seção 4, os ouvintes avaliaram tais pares a partir de uma escala, em que 1 eram “muito parecidas” e 9 “muito diferentes”, podendo ser selecionado qualquer número cardinal entre eles. O Gráfico 1 (disposto a seguir) apresenta a média aritmética dos valores correspondentes ao grau de diferença atribuído para cada par escutado. A linha mais escura do *boxplot* representa a maior concentração dos dados com relação ao grau atribuído.

Gráfico 1 – Grau de diferença atribuído x Par escutado



Fonte: Pesquisa direta, 2017.

De modo geral, o gráfico acima expõe o que esperávamos: os ouvintes nativos, mesmo que ainda no Ensino Fundamental II, conseguem perceber a diferença entre produções das variantes aberta, fechada e alta por uma falante pessoense, sendo o maior nível atribuído (6) ao par com as variantes “aberta.alta” (como em s[ɛ]guro e s[i]guro,

por exemplo), ou seja, àquelas que mais diferem entre si em relação ao F1²⁰. Em segundo lugar, o par com as variantes “fechada.alta” (como em n[o]turno e n[u]turno, por exemplo), com 4 de diferença de grau atribuído. Por fim, o par com as variantes “aberta.fechada” (como em [ɛ]sporte e [i]sporte, por exemplo) obteve 2 de grau de diferença.

Acerca do resultado acima, podemos inferir que se os ouvintes não atribuem um alto grau de diferença aos pares de variantes distintas, é justamente porque eles estão utilizando, no contexto das vogais médias pretônicas, tanto as variantes abertas quanto as fechadas. Tal oscilação foi comprovada por Silva (1997) com dados de produção.

A fim de verificar se a escuta de um dos pares de estímulos influenciava nas respostas de identificação e atribuição de grau de diferença dos demais, foi realizado outro teste a partir de um modelo de regressão linear (Tabela 1).

Tabela 1 – Modelo de regressão linear: (GRAU DE DIFERENÇA ATRIBUÍDO ~ PAR ESCUTADO) / Valor de referência (*Intercept*): “aberta.alta”.

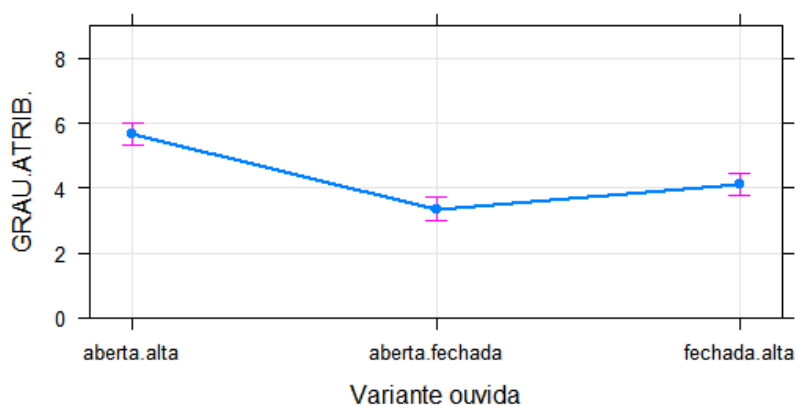
	Estimativa	Erro Padrão	Valor de t	P
(Intercept)	5.6594	0.1792	31.588	$< 2^{-16}$ ***
aberta.fechada	-2.2989	0.2536	-9.066	$< 2^{-16}$ ***
fechada.alta	-1.5528	0.2536	-6.124	1.34^{-09} ***

Fonte: Pesquisa direta, 2017.

O teste realizado apresentou p-valor = 0,08 para o efeito da variável “Par escutado” nos resultados da VD, o que, dentro do limite de significância estabelecido (5%), indica que tal variável parece não exercer influência sobre as respostas dos estudantes.

²⁰ Ver Quadro 3, página 31.

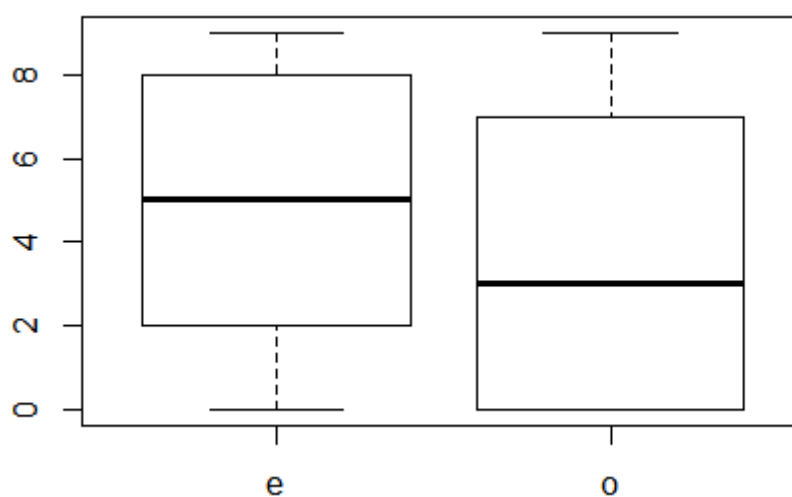
Gráfico 2 – Gráfico de efeitos de médias previstas para o “Grau de diferença atribuído” em relação aos níveis da variável “Par escutado”



Fonte: Pesquisa direta, 2017.

O gráfico acima expõe os intervalos de confiança para as médias apresentadas no Gráfico 1. No contexto apresentado, eles não se sobrepõem, o que nos indica que o resultado do cruzamento entre as variáveis “Grau de diferença atribuído” e “Par escutado” é significativamente diferente.

Gráfico 3 – Grau de diferença atribuído x Vogal



Fonte: Pesquisa direta, 2017.

O gráfico acima expõe, em relação a todos os pares de variáveis distintas, o grau de diferença atribuído para as variáveis /e, o/, sendo 5 para a primeira e 3 para a segunda. Isso nos indica que a percepção para as variantes de /e/ é maior que para as de /o/, o que já esperávamos, visto que os valores de F1 são mais distintos para a primeira variável.

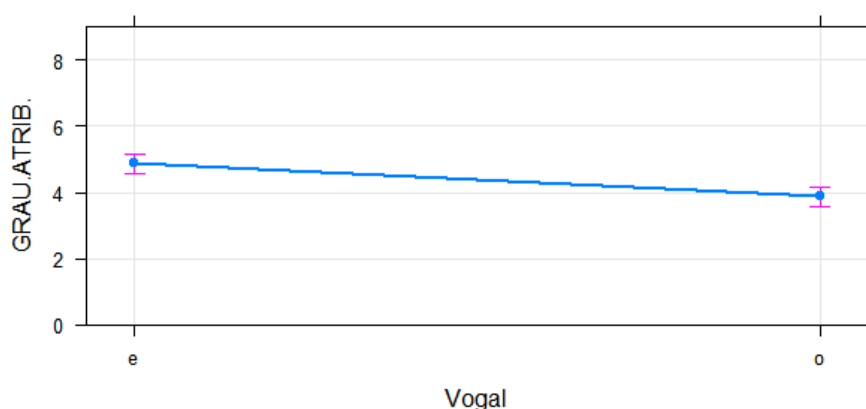
Tabela 2 – Modelo de regressão linear: (GRAU DE DIFERENÇA ATRIBUÍDO ~ VOGAL)/ Valor de referência (*Intercept*): “[e]”.

	Estimativa	Erro Padrão	Valor de t	P
(Intercept)	4.8810	0.1510	32.318	$< 2^{-16}$ ***
[o]	-1.0084	0.2136	-4.271	2.7^{-06} ***

Fonte: Pesquisa direta, 2017.

Assim como no primeiro teste, o resultado deste apresentou p-valor = 0,08 para o efeito da variável “Vogal” nos resultados da VD, o que, dentro do limite de significância estabelecido (5%), mostra que tal variável parece não exercer influência sobre as respostas dos estudantes.

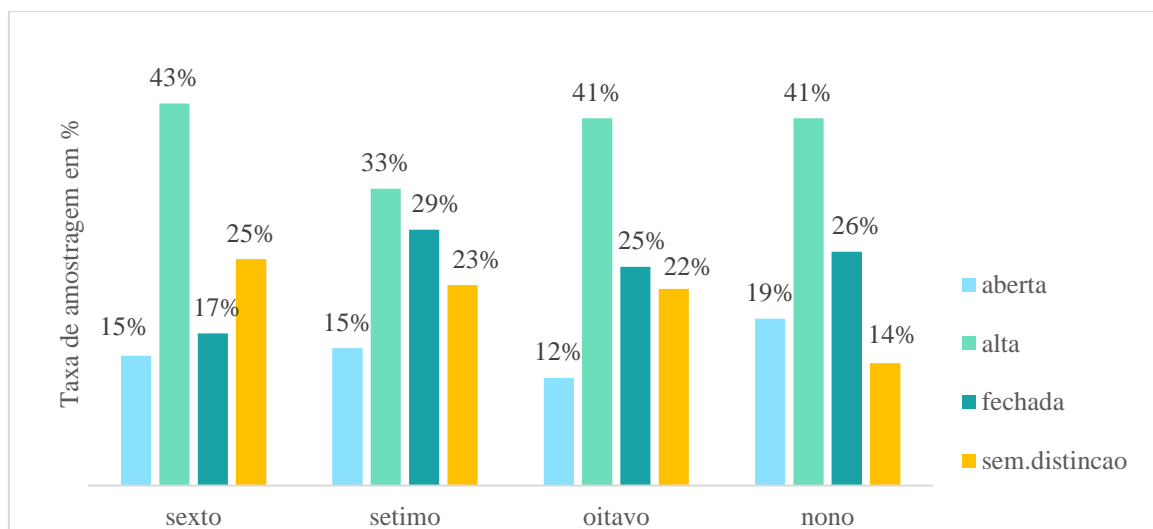
Gráfico 4 – Gráfico de efeitos de médias previstas para o “Grau de diferença atribuído” em relação aos níveis da variável “Vogal”



Fonte: Pesquisa direta, 2017.

O gráfico acima expõe os intervalos de confiança para as médias apresentadas no Gráfico 3. No contexto apresentado, eles não se sobrepõem, o que nos indica que o resultado do cruzamento entre as variáveis “Grau de diferença atribuído” e “Vogal” é significativamente diferente.

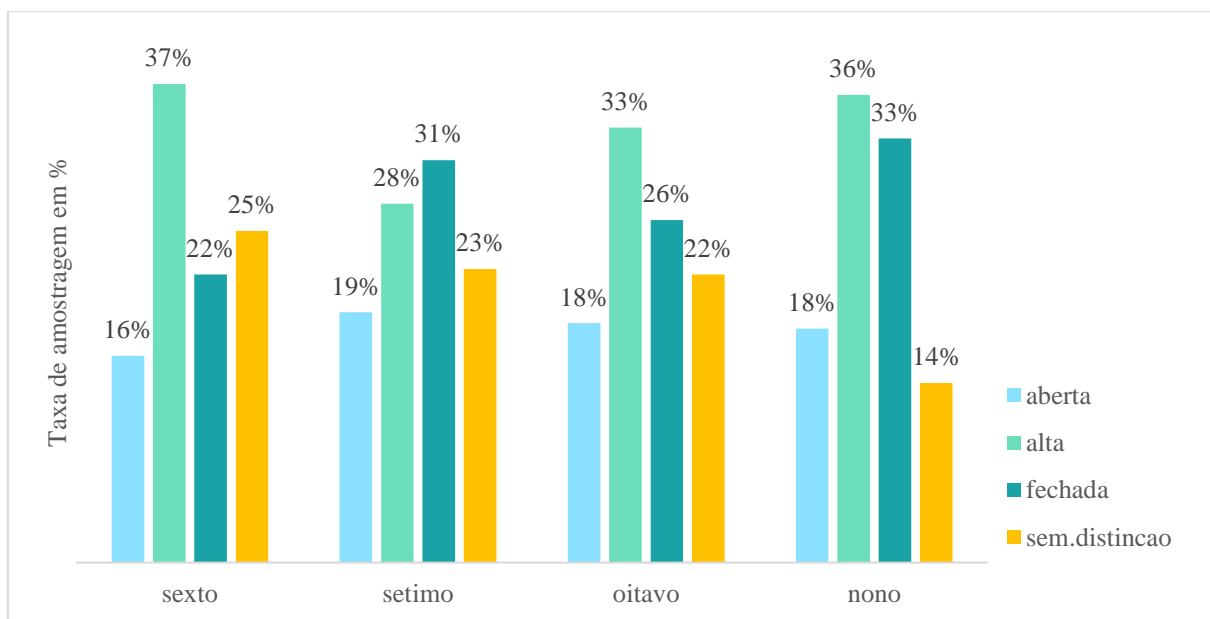
Os gráficos 5 e 6 apresentam, respectivamente, a escolha das variantes /e, o/, em posição pretônica, para as pronúncias dos falantes de João Pessoa – PB e para as pronúncias dos discentes de acordo com o ano de escolaridade.

Gráfico 5 – Ano de escolaridade x Pronúncia JP²¹

Fonte: Pesquisa direta, 2017.

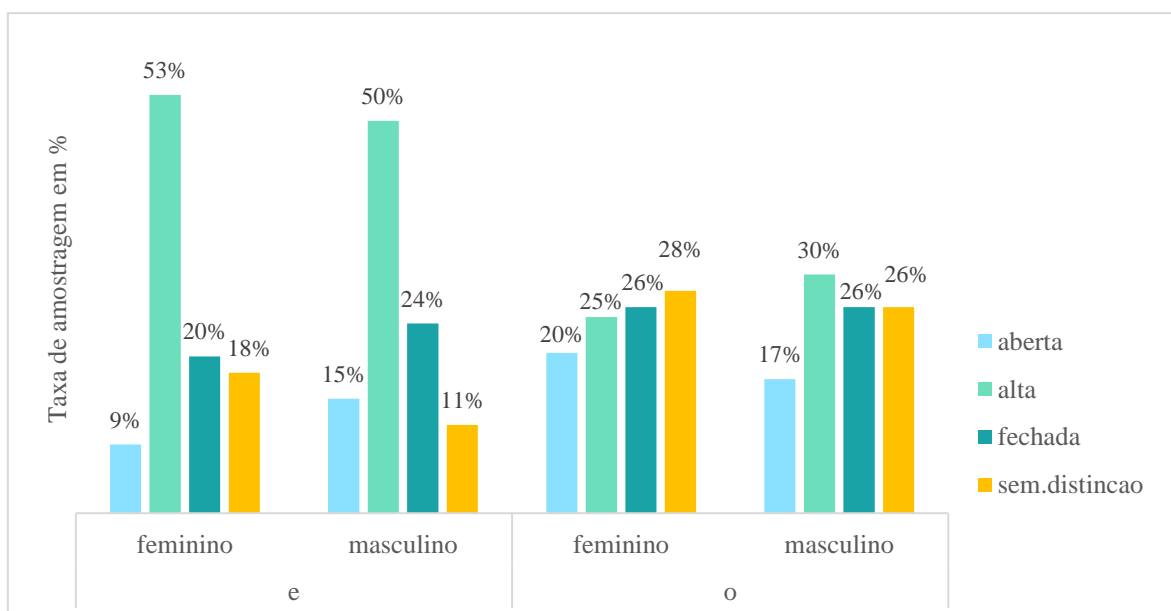
Esperávamos que o nível de escolaridade influenciasse na percepção e na escolha das variantes, ou seja, os estudantes do 8º e 9º anos teriam uma percepção mais acurada sobre a diferença dialetal de João Pessoa, porém isso não foi comprovado, corroborando com o estudo de produção de Silva (1997). A autora explica que as vogais médias abertas são as mais recorrentes na comunidade de fala pessoense; entretanto, a grande recorrência das vogais médias fechadas e médias altas não era esperada, ou seja, houve uma instabilidade muito grande no uso de /e, o/, no contexto apresentado.

²¹ Os gráficos apresentados a partir deste foram criados a partir da função “Tabela Dinâmica” do *Excel*, pois a amostra, por ser pequena, poderia enviesar os dados obtidos nos testes estatísticos.

Gráfico 6 – Ano de escolaridade x Pronúncia do falante

Fonte: Pesquisa direta, 2017.

O gráfico abaixo expõe a escolha dos estudantes para a pronúncia dos falantes pessoenses de acordo com a vogal escutada:

Gráfico 7– Pronúncia de JP x Vogal

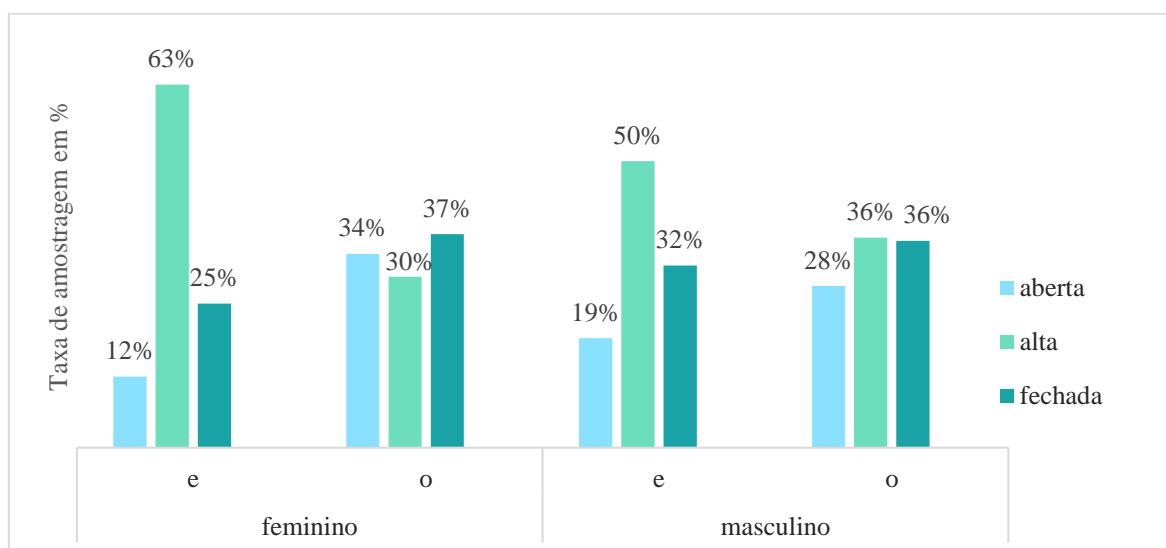
Fonte: Pesquisa direta, 2017.

Pelos dados expostos no gráfico acima, podemos perceber que, em relação a variável /e/, tanto as mulheres quanto os homens escolhem a variante alta [i] (53% e 50%, respectivamente) para a pronúncia dos falantes pessoenses, seguida da fechada [e]

(20% e 24%, respectivamente) e da aberta /ɛ/ (9% e 15%, respectivamente). Já para a variável /o/, a diferença entre a escolha das variantes não foi significativa, além da distinção entre as pronúncias ter sido menor, o que era esperado, pois a diferença entre os valores de F1 para as variantes de /o/ é menor do que para /e/²². Mencionamos, mais uma vez, que tal resultado pode ser o indício de uma possível mudança linguística em curso, visto que as variantes fechadas [e, o] e altas [i, u] foram as mais selecionadas como produzidas pelos falantes pessoenses. Os resultados expostos nesse gráfico, portanto, corroboram com os dos Gráficos 1 e 2.

Ao contrapormos esse resultado com o de Schüller (2013), verificamos que há semelhanças entre ambos os trabalhos. O autor identificou que os ouvintes, em relação à percepção da vogal média pretônica, em contexto de HV, obtiveram 70,8% de acerto, um número bastante significativo. Em nossa pesquisa, com exceção da percepção das mulheres sobre a variável /o/, atribuíram a variante alta como a mais recorrente na fala dos pessoenses, o que indica que os falantes têm consciência não apenas do dialeto de sua comunidade de fala, mas também dos processos linguísticos que ocorrem.

Gráfico 8 – Pronúncia falante x Vogal



Fonte: Pesquisa direta, 2017.

Ao compararmos, novamente, o resultado do gráfico acima com um dos obtidos na pesquisa de Schüller (2013), ratificamos a discussão do gráfico 7, pois os falantes selecionaram como variável de produção, para os contextos dos estímulos apresentados, a vogal alta. Tal resultado é importante para assegurarmos que falantes

²² Ver Quadro 3, página 31.

nativos, mesmo em fase escolar, não apenas têm consciência dialetal acerca de sua comunidade de fala, mas também têm uma identidade linguística semelhante à da comunidade na qual ele está inserido. Em outras palavras, o uso das variantes escolhidas por eles corrobora com as utilizadas, majoritariamente, pelos outros falantes de mesma comunidade linguística.

Os resultados sobre o acerto e o erro da escrita dos estímulos de acordo com os informantes encontram-se na tabela e no gráfico a seguir:

Tabela 3 – Estratificação de informantes de acordo com acerto ou erro em relação à palavra escrita²³

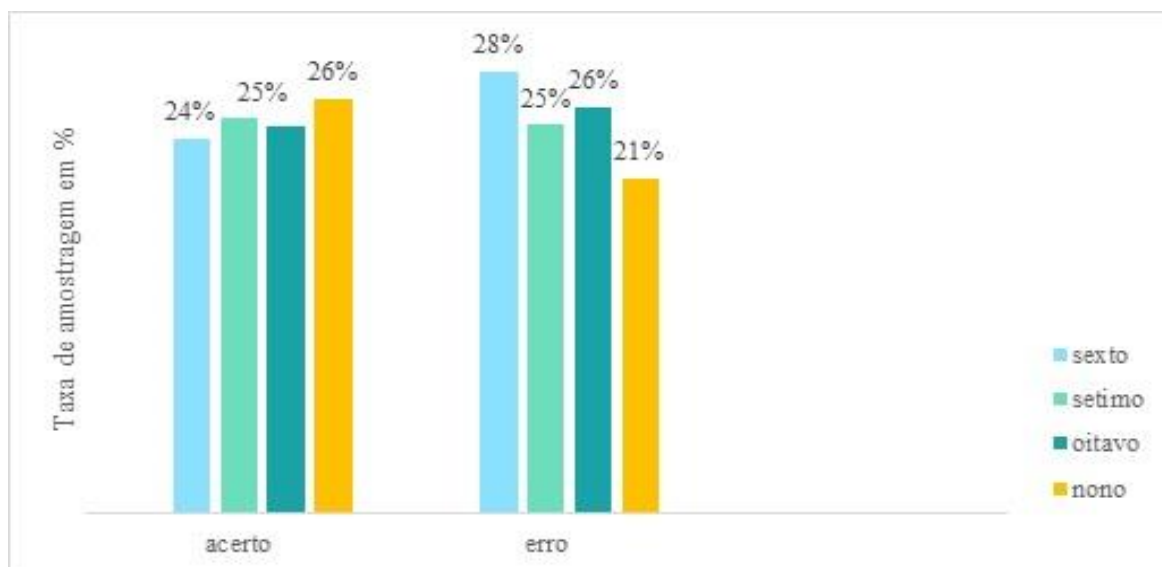
Sexo	Acerto	Erro
Feminino	4 informantes (20%)	16 informantes (80%)
Masculino	2 informantes (10%)	18 informantes (90%)

Fonte: Pesquisa direta, 2017.

Conforme exposto acima, apenas 6 (15%) dos 40 participantes conseguiram acertar a escrita de todos os estímulos, o que nos surpreendeu, pois acreditávamos que todos os itens lexicais selecionados para o teste eram usados comumente no cotidiano dos discentes. Entretanto, podemos atribuir o grande nível de erro à palavra “bolero”, pois apenas 7 informantes obtiveram êxito em sua escrita. Isso pode ser explicado pelo fato de os discentes terem escutado o processo de AV em uma palavra que, o mais provável de ocorrer, seria o HV, ou seja, a vogal pretônica seria aberta em detrimento da tônica. Diante disso, inferimos aqui que, provavelmente, houve uma influência desse vocábulo no resultado obtido, porém só comprovaremos tal hipótese por meio da análise de um *corpus* mais robusto.

Em relação ao gráfico 9, esclarecemos que a porcentagem de acerto e de erro foi realizada com base nas informações da Tabela 3.

²³ Consideramos como acerto apenas as respostas dos estudantes que escreveram as 8 palavras de acordo com a norma padrão.

Gráfico 9 – Nível de acerto x Ano de escolaridade

Fonte: Pesquisa direta, 2017.

Acerca dos resultados dispostos no gráfico acima, é importante fazermos duas considerações. A primeira é que, mesmo com uma diferença pequena, o nível de acerto do 8º para o 9º ano aumenta, levando-nos a ver, mesmo que minimamente, um resultado positivo da transposição da Sociolinguística para a sala de aula. A segunda é que comprovamos a nossa hipótese de que os ouvintes nativos sofrem, na escrita, influência da variação da percepção de fala, posto que todas as séries, com diferenças pouco significativas, erraram a escrita das palavras ouvidas, ou seja, os resultados foram de encontro ao que foi hipotetizado, pois acreditávamos que, à medida que os estudantes avançassem no nível de escolaridade, o acerto das palavras escritas aumentaria consideravelmente.

Diante disso, é preciso nos questionarmos: quais as mudanças que a Sociolinguística Variacionista tem provocado em sala de aula? Será que todos os professores de língua materna têm acesso às discussões sobre essa teoria? Pelos resultados obtidos, acreditamos que tal acesso até pode estar ocorrendo, mas de forma deficitária, porque erros ortográficos como os apresentados não deveriam ocorrer nos anos finais do Ensino Fundamental II. A instrução formal acerca da diferença entre oralidade e escrita, que deveria ser feita pelos professores de LP ao longo dos anos de escolaridade dos discentes, seria um meio para conscientizá-los sobre o que Faraco (2012) expõe:

Quando podemos dizer a mesma palavra com /i/ ou /e/, grafamos com *e*; quando podemos dizer com /u/ ou /o/, grafamos com *o*. Os principais contextos em que ocorre essa oscilação: Palavras que têm /i/ ou /u/ na sílaba forte (o chamado fenômeno da harmonia vocálica): *seguro, coruja, menino, cortina* (FARACO, 2012, p. 155).

Segundo o autor, fica claro que a instrução formal, mencionada anteriormente, é um dos meios de o professor fazer com que o discente se conscientize sobre as regras ortográficas de sua língua, o que pode contribuir com a melhora de sua escrita. Outro meio de levar o aluno a essa compreensão é trabalhar atividades de reescrita de diversos gêneros textuais, pois o aluno observará a inadequação ortográfica cometida e, conseqüentemente, poderá refletir sobre o erro cometido no texto, possibilitando uma maior consciência do uso escrito de sua língua materna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao observarmos as pesquisas desenvolvidas com base na Sociolinguística Variacionista, é importante mencionar que esta teoria tem contribuído positivamente com a descrição das línguas e com a melhora no ensino destas, pois levou à ampliação das discussões acerca da relação entre oralidade e escrita no âmbito acadêmico. Isso fez com que a escola e, em consequência, os professores pudessem repensar os seus métodos a fim de contribuir com o desempenho dos discentes, buscando alcançar resultados mais significativos. No entanto, conforme discutido ao longo deste trabalho, é preciso reconhecer que ainda há uma lacuna no que tange aos estudos que investigam a percepção de pistas acústicas como fator que interfere na escrita, podendo ser mencionada a pesquisa desenvolvida por Vieira (2005).

A pesquisa realizada se insere na terceira onda da Sociolinguística Variacionista, uma vez que busca compreender a percepção das vogais médias pretônicas, em contextos de alçamento ou harmonia vocálica, por estudantes de João Pessoa – PB. O objetivo deste trabalho, portanto, foi alcançado, pois verificou se os falantes nativos, em fase escolar, conseguiam perceber a distinção entre as três possibilidades de realização de /e, o/ em posição pretônica. Além disso, investigou se eles tinham consciência dialetal de sua comunidade de fala, bem como do uso individual dessas variáveis.

No que diz respeito aos resultados obtidos, pudemos verificar que o ano de escolaridade não influencia os ouvintes nativos a escolherem, majoritariamente, a variável fechada, tida como de prestígio encoberto no PB por ser mais frequente em estados mais desenvolvidos, como o Rio de Janeiro – RJ e São Paulo – SP, além de ser utilizada em contextos midiáticos. Além disso, destacamos que o grau atribuído aos pares “aberta.fechada”, “aberta.alta” e “fechada.alta” foi maior para /e/ do que para /o/, o que pode ser explicado pela pequena distinção entre o F1 de /ɔ, o, u/²⁴. Não houve resultado significativo para o cruzamento da variável “grau atribuído” com a variável “sexo”. Tais informações podem ajudar a compreender não apenas a mudança linguística na comunidade de fala pessoense, mas também questões relacionadas a estereótipos e preconceito linguístico.

²⁴ Ver Quadro 3, página 34.

Outro dado importante é a relação entre oralidade e escrita e o ensino de LP. Conforme discutido, identificamos que os discentes, mesmo estando no 8º ou 9º anos do Ensino Fundamental, obtiveram grande nível de erro em relação à escrita dos estímulos. Tal erro não deveria ser recorrente, em tese, uma vez que esperávamos, com a inserção da Sociolinguística nos livros didáticos (LD) e, conseqüentemente, na sala de aula, espaço em que a reflexão sobre o uso escrito de LP fosse mais presente. Cabe ressaltar, novamente, a necessidade de o professor ter consciência da teoria e de efetivamente transpô-la para a prática escolar, a fim de desenvolver um trabalho mais adequado no que tange tais questões.

De modo geral, acreditamos que esta pesquisa pode timidamente ajudar não apenas a compreender os processos de percepção de fala que estudantes em fase de “estabilização” de sua variedade linguística têm em relação aos processos de harmonia e alinhamento vocálicos em relação à língua materna, mas também incentivar o professor de LP a repensar e a redefinir sua prática metodológica a partir dos postulados da Teoria da Variação, contribuindo, portanto, com a melhoria do ensino. É necessário e urgente que tais discussões ultrapassem os muros acadêmicos e direcionem o seu olhar à Educação Básica.

Por fim, esta pesquisa ainda deixa muitos questionamentos, tais como: os alunos de rede privada possuem uma percepção mais acurada acerca da variação das vogais médias pretônicas (tomando como hipótese a ideia de que, se o capital cultural deles é mais elevado, portanto a experiência auditiva deles é maior)? Qual a atitude dos discentes nativos frente a esse fenômeno? Tais dúvidas nos impulsionam a querer aprofundar este trabalho, buscando responder a essas e a outras questões que ficaram um pouco defasadas devido à amostra ser pequena. Uma possibilidade é, a partir de F1x F2 das vogais médias produzidas por novos informantes, seguir o caminho de traçar o perfil do falante pessoense, além de verificar a influência das sete vogais orais em posição tônica e no processo de escrita de estudantes do Ensino Fundamental II.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AQUINO, M. F. S. **Da fala espontânea à escrita de texto:** reflexões sobre os vários usos da linguagem na sala de aula. In: XVII Congreso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL), 2014, UFPB. Disponível em: <http://www.mundoalfal.org/CDAnaisXVII/trabalhos/R0701-1.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2017.
- BARBOSA, P. A.; MADUREIRA, S. **Manual de fonética acústica experimental.** Aplicações a dados do português. São Paulo: Cortez Editora, 2015.
- BRASIL. MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa.** Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>. Acesso em: 15 out. 2017
- BISOL, L. **Harmonização vocálica uma regra variável.** Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.
- BOERSMA, P.; WEENINCK, D. **Praat:** doing phonetics by computer. 2012. Disponível em: www.praat.org. Acesso em: 25 jul. 2017.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna:** a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.
- ECKERT, P. **Three Waves of Variation Study:** The emergence of meaning in the study of variation. Oxford: Blackwell, 2012. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/89d3/de3d9d756fd39cd0b2b1270c309feb4a49a7.pdf>. Acesso em: 01 set 2017.
- MASIP, V. **Fonologia, fonética e ortografia portuguesas.** Rio de Janeiro: E.P.U., 2014.
- MEIRELES et al., 2017. **Análise acústica e sociolinguística das vogais médias pretônicas faladas em Montanha – ES.** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/lh/v52n1/0101-3335-letras-52-01-0058.pdf>. Acesso em: 03 set. 2017.
- HORA, D. Monotongação de ditongos orais decrescentes: fala versus escrita. In: GROSKI, E. M.; COELHO, I. L. (org.) **Sociolinguística e ensino:** contribuições para a formação do professor de língua. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006.
- LABOV, W. (1972). **Sociolinguistic Patterns.** Philadelphia: University of Pennsylvania Press. [Padrões Sociolinguísticos. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.]
- LADEFOGED, P. **Vowels and consonants:** an introduction to the sounds of languages. USA: Blackwell Publishers, 2001.
- LOPES, L. W.; ANDRADE, W. T. L. Fonética. In: HORA, D. PEDROSA, J. R. (Org.) **Introdução à fonologia do português brasileiro.** João Pessoa: UFPB, 2012.

LOPES, L. W. **Preferências e atitudes dos ouvintes em relação ao sotaque regional no telejornalismo**. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Paraíba, 2012.

LUCENA, R. M.; PEDROSA, J. R. Fonologia Estruturalista. In: HORA, D; MATZENAUER, C. L. (Org.). **Fonologia, fonologias: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2017. pp. 15-30.

MOLLICA, M. C. Testagem em processos de Monotongação. In: MOLLICA M. C. **Influência da fala na alfabetização**. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

OUSHIRO, L. **Identidade na pluralidade**. Avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2015.

_____. Tratamento de dados com o R para análises estatísticas. In: FREITAG, R. M. K. **Metodologia para coleta e manipulação de dados em Sociolinguística**. São Paulo: Blucher, 2014.

ROBERTO, T. M. G. **Fonologia, fonética e ensino: guia introdutório**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

SILVA, R. C. M. P. **As vogais médias pretônicas na fala do pessoense urbano**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, PB, 1997.

SEUNG, H. L. Conspiração e vogais médias do PB. In: SEUNG, H. L. (Org.) **Vogais para além de Belo Horizonte**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2012. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/site/e-livros/VogaisAlemdeBH2012.pdf>. Acesso em: 15 out 2017.

SCHÜLLER, J. N. **A percepção de vogais médias pretônicas e sua relação com os processos de harmonia e de alicamento vocálico**. Dissertação (mestrado) – Universidade Católica de Pelotas. Pelotas, RS, 2013. Disponível em: <http://tede.ucpel.edu.br:8080/jspui/bitstream/tede/291/1/jones.pdf> Acesso em: 01 set 2017

VIEIRA, R. C. **A influência da oralidade na produção da escrita de alunos do ensino fundamental de uma escola pública**. Caderno de resumos II JEL. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: http://www.pgletras.uerj.br/linguistica/textos/livro02/LTAA02_a18.pdf. Acesso em: 28 jul. 2017.

VOGELEY, A. C. E. Vogais. In: HORA, D. PEDROSA, J. R. (Org.) **Introdução à fonologia do português brasileiro**. João Pessoa: UFPB, 2012.

WEINREICH, W.; LABOV, W.; HERZOG, M. (1968). "Empirical Foundations for Theory of Language Change". In: LEHMANN, Paul; MALKIEL, Yakov. (eds.) **Directions for Historical Linguistics**. Austin: University of Texas Press: 95-188. [Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística. Trad.: Marcos Bagno; revisão técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006]

APÊNDICES

APÊNDICE A

MÉDIAS DE F1, F2 E F3 DOS TRÊS ESTÍMULOS PRONUNCIADOS SEM EDIÇÃO PELA INFORMANTE

Palavra	F1	F2	F3	Duração (ms)
B[ɔ]lero	679.48	1010.40	3151.56	0,11
B[o]lero	471.57	1027.52	3150.49	0,14
B[u]lero	300.57	841.16	2475.88	0,16
C[ɔ]mício	648.69	1272.03	2994.09	0,112
C[o]mício	488.55	1015.77	2664.58	0,112
C[u]mício	431.99	814.49	2618.96	0,068
D[ɛ]pressa	588.09	2046.50	3001.47	0,154
D[e]pressa	487.08	1898.70	2878.15	0,154
D[i]pressa	270.43	2650.41	3127.77	0,181
[ɛ]sporte	640.43	1957.37	2625.60	0,130
[E]sporte	450.18	2143.06	2885.56	0,097
[I]sporte	283.91	2411.91	3225.05	0,079
N[ɔ]turno	597.09	1300.49	3069.56	0,0873
N[o]turno	464.73	1194.11	2934.88	0,164
N[u]turno	362.87	1197.29	2893.17	0,0925
[ɔ]posto	475.48	949.82	2966.52	0,192
[o]posto	464.54	866.70	2833.63	0,159
[U]posto	449.92	1007.20	2819.13	0,156
P[ɛ]pino	606.80	2084.63	2529.53	0,136
P[e]pino	490.70	2152.57	3061.01	0,149
P[i]pino	305.16	2133.76	3073.01	0,136
S[ɛ]guro	688.68	1954.30	2917.11	0,125
S[e]guro	499.89	2117.43	3021.31	0,108
S[i]guro	303.05	2695.38	3327.33	0,0953

APÊNDICE B

MÉDIAS DE F1, F2 E F3 DAS PALAVRAS-ESTÍMULO COM EDIÇÃO

Palavra	F1	F2	F3	Duração (ms)
B[ɔ]lero	596.95	1064.66	3094.76	0,116
B[o]lero	401.10	1009.61	3158.99	0,159
B[u]lero	346.36	979.50	2808.10	0,166
C[ɔ]mício	651.24	1278.48	2981.20	0,112
C[o]mício	483.93	1010.05	2667.01	0,105
C[u]mício	430.88	868.45	2653.85	0,097
D[ɛ]pressa	593.57	1887.14	2940.78	0,147
D[e]pressa	481.09	1870.86	2855.94	0,127
D[i]pressa	276.47	2686.31	3144.15	0,104
[ɛ]sporte	644.55	1933.13	2539.67	0,101
[E]sporte	454.27	2198.57	3032.22	0,096
[I]sporte	283.91	2564.32	3302.16	0,077
N[ɔ]turno	599.12	1264.39	3092.48	0,124
N[o]turno	465.05	1198.00	2934.16	0,174
N[u]turno	401.13	1341.58	2887.89	0,074
[ɔ]posto	472.98	945.12	2968.81	0,186
[o]posto	455.17	815.01	2784.69	0,128
[U]posto	447.84	977.56	2793.29	0,156
P[ɛ]pino	612.06	2080.03	2578.46	0,183
P[e]pino	490.70	2152.57	3061.01	0,149
P[i]pino	308.25	2163.78	3082.45	0,140
S[ɛ]guro	619.74	2134.18	2926.49	0,120
S[e]guro	507.17	2122.92	3004.40	0,096
S[i]guro	307.81	2700.80	3313.94	0,083

APÊNDICE C

QUESTIONÁRIO SOCIAL RESPONDIDO PELOS PARTICIPANTES DO TESTE



Universidade Federal da Paraíba Perfil do Estudante

- 1) Nome¹: _____
- 2) Sexo: **F** ☐ **M** ☐
- 3) Qual a sua idade? _____
- 4) Em que bairro você mora? _____
- 5) Em qual escola você estuda? _____
- 6) Qual a série que você está cursando?
☐ 6º ano ☐ 7º ano ☐ 8º ano ☐ 9º ano
- 7) Você estudou:
 Maior parte em escola pública ☐ Maior parte em escola particular ☐
- 8) Você já repetiu alguma série? Se sim, qual?
☐ 6º ano ☐ 7º ano ☐ 8º ano ☐ 9º ano ☐ Outro
- 9) Você trabalha ou já trabalhou? Qual atividade você faz(ia)? _____
- 10) Com que frequência você vai ao cinema?
☐ Nunca ☐ Raramente ☐ Às vezes ☐ Muitas vezes ☐ Sempre
- 11) Com que frequência você vai ao teatro?
☐ Nunca ☐ Raramente ☐ Às vezes ☐ Muitas vezes ☐ Sempre
- 12) Com que frequência você lê livros?
☐ Nunca ☐ Raramente ☐ Às vezes ☐ Muitas vezes ☐ Sempre
- 13) Com que frequência você assiste jornal?
☐ Nunca ☐ Raramente ☐ Às vezes ☐ Muitas vezes ☐ Sempre
- 14) Você já saiu de João Pessoa para passear? Em caso positivo, para qual lugar? _____
- 15) Você já saiu da Paraíba para passear? Em caso positivo, para qual lugar? _____
- 16) Você tem algum tipo de alteração auditiva, discursiva ou de escrita/leitura? _____
- 17) Alguma das etapas do teste foi difícil para você? _____

¹ A identidade do informante nunca será revelada. Qualquer referência ao indivíduo será feita através de um código específico, garantindo sempre o anonimato.

APÊNDICE D

QUADRO COM ESTRATIFICAÇÃO DOS INFORMANTES DE ACORDO COM ACERTO E ERRO DAS PALAVRAS ESCRITAS

Feminino	
Acerto	Erro
Informante 1	Informante 2
Informante 25	Informante 7
Informante 33	Informante 8
Informante 34	Informante 10
	Informante 11
	Informante 14
	Informante 15
	Informante 16
	Informante 20
	Informante 21
	Informante 22
	Informante 23
	Informante 24
	Informante 31
	Informante 32
	Informante 35

Masculino	
Acerto	Erro
Informante 28	Informante 4
Informante 40	Informante 5
	Informante 6
	Informante 9
	Informante 12
	Informante 13
	Informante 17
	Informante 18
	Informante 19
	Informante 26
	Informante 27
	Informante 29
	Informante 30
	Informante 36
	Informante 37
	Informante 38
	Informante 39

APÊNDICE E

RODADAS DOS TESTES NO R

Modelo de regressão linear: (GRAU DE DIFERENÇA ATRIBUÍDO ~ PAR ESCUTADO) / Valor de referência (*Intercept*): “aberta.alta”.

```
Call:lm(formula = GRAU.ATRIB. ~ PAR.ESCUADO)

Residuals:
    Min     1Q   Median     3Q      Max
-5.6594 -3.3605 -0.2335  2.8934  5.6395

Coefficients:
(Intercept)          5.6594    0.1792 31.588 < 2e-16 ***
PAR.ESCUADOaberta.fechada -2.2989    0.2536 -9.066 < 2e-16 ***
PAR.ESCUADOaberta.alta  -1.5528    0.2536 -6.124 1.34e-09 ***
---
Signif. codes:  0 '***' 0.001 '**' 0.01 '*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1

Residual standard error: 3.205 on 955 degrees of freedom
(2 observations deleted due to missingness)
Multiple R-squared:  0.08225, Adjusted R-squared:  0.08033
F-statistic: 42.79 on 2 and 955 DF, p-value: < 2.2e-16
```

Modelo de regressão linear: (GRAU DE DIFERENÇA ATRIBUÍDO~ VOGAL) / Valor de referência (*Intercept*): “[e]”.

```
Call:
lm(formula = GRAU.ATRIB. ~ VOGAL)

Residuals:
    Min     1Q   Median     3Q      Max
-4.881 -2.881  0.119  3.127  5.127

Coefficients:
(Intercept)    4.8810    0.1510 32.318 < 2e-16 ***
VOGALo       -1.0084    0.2136 -4.721 2.7e-06 ***
---
Signif. codes:  0 '***' 0.001 '**' 0.01 '*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1

Residual standard error: 3.305 on 956 degrees of freedom
(2 observations deleted due to missingness)
Multiple R-squared:  0.02278, Adjusted R-squared:  0.02176
F-statistic: 22.29 on 1 and 956 DF, p-value: 2.698e-06
```